

BIBLIOTECA SOCIOLOGICA

CARLOS DIAS
(OPERARIO)

LUTA SINDICALISTA

(Método revolucionario)

Meios e Finalidade

(2.^a Edição)

Preço 400 réis

1919

RIO DE JANEIRO

CA GABR

BIBLIOTECA SOCIOLOGICA

CARLOS DIAS
(OPERARIO)



A LUTA SINDICALISTA

REVOLUCIONARIA

(MEIOS E FINALIDADE)



1918
RIO DE JANEIRO



6

« Sem organização livre ou imposta, não pôde haver sociedade; sem organização consciente ou voluntaria não pôde haver nem liberdade, nem garantia de que sejam respeitados os interesses dos que vivem em sociedade. E quem não se organiza, quem não procura a cooperação dos outros e não oferece a sua em condições de reciprocidade e de solidariedade, coloca-se necessariamente em condição inferior, e é como e roda inconsciente no mecanismo social que os outros movem — e sem vantagem propria.

Os trabalhadores são ezplorados e opri-
midos, porque, estando dezorganizados para
tudo quanto respeita á proteção dos seus in-
teresses, são coajidos pela fome e pela vio-
lencia brutal a fazer como querem os domi-
nadores, em cujo proveito é organizada a
presente sociedade, e fornecem eles proprios
a força (soldados e capital) que serve para
os manter sujeitos. Nem poderão emanci-
par-se emquanto não achem na união a força
economica e a força fizica de que necessitam
para vencer a força organizada dos opres-
sores — *MALATESTA.* »

26

UNION LOS ARTISTAS
CALIDAD S. C. A.
SIO PAULO

Duas palavras



ESTE livro despretençozo nada mais é que a palavra da rebeldia. Seu autor, homem do trabalho não tem veleidades de nenhuma especie; quer apenas que os trabalhadores, seus irmãos, compreendam as iniquidades da sociedade burgueza e contra ela se insurjam.

Que os trabalhadores se interessem pela sua propria cauza e combatam a propria miseria é o que queremos. Para isso escrevemos estas pajinas onde palpita a ancia da rebelião, o dezejo ardente de vêr a classe trabalhadora liberte-se da tutela burgueza por meio de sua ação conjunta, mas conciente saída de seus sindicatos — nucleos em que a sociedade futura já palpita em jestação.

E' já tempo de tomarmos uma deliberação enerjica nesse sentido. E que os golpes não se percam no ar, antes caiam rijos sobre os tiranos no dia dessa deliberação — a revolução social.

Que é a associação ou sindicato moderno

Desde que os homens, ha milhares de seculos, entraram a unir-se para sua deſeza pessoal e coletiva, que era já o prenuncio da vitoria do raciocinio sobre as forças inconcientes da natureza, que iam aos poucos compreendendo, é facil supôr que nesse ezercicio algumas faculdades se lhes desenvolvessem mais que outras dando logar a que os mais destros e sagazes concluíssem que as suas qualidades podiam ser applicadas em ezercer predominio sobre os seus semelhantes. E os mais fracos ou retardatarios, tendo reconhecido essa supremacia deram azo a que surgisse a propriedade privada, isto é, que os esperlos tomassem posse dos bens comuns e implantassem um regime de jerarquia baseado na força, em detrimento do direito — a ezploração do homem pelo homem.

Seculos e seculos têm transcorrido e multidões de escravos têm legado, por atavismo, de jeração a jeração o infundado respeito a toda uma organização social viciada desde a orijem e que deturpa as leis primordiais da natureza.

Não obstante, porém, todas as tiranias, é evidente que em todos os tempos a solidariedade, se bem que rudimentar, não tem faltado para ezteriorizar o intimo, mesmo dos mais escravos, onde ha um fundo de revolta latente e uma aspiração de liberdade.

Isso prova que a despeito da passividade milenar dos povos as aviltantes dezigualdades de que tem sido victimas os arrastaram á comprehensão de que uma questão so

cial existe — uma desavença mascarada pelo medo, entre os que possuem e os deserdados, os que mandam e são mandados. Por isso, quer pregando um principio religioso, quer defendendo um ideal politico, rebeldes se têm manifestado, doutrinando, ensinando, levando á abnegação seu apostolado redentor. É certo que á mingua de energia essas multidões, ignorantes e desorientadas, educadas na escola do servilismo, nunca chegaram ás ultimas consequencias da sua revolta.

A força, porém, de tantas lutas travadas em pról da libertação humana e de decepções as mais crueis e dolorosas já se vislumbram os prenuncios da grande revolução mundial.

As massas principiam a agir mais concientemente. É através dos tempos a passividade dos oprimidos se vai gradativamente modificando e evidenciando a todos os olhos, dos paizes mais antigos e adiantados para os mais novos e retardatarios que uma forte corrente de solidariedade a proxima. A revolução é pois inevitavel.

É o reflexo, o resultado da assimilação de idéas nascidas entre homens mais evuluidos, concebidas por uma pleiade de pensadores de cerebro são e coração generoso que conseguiram, dando-lhe corpo de doutrina, interpretar as vagas aspirações das multidões que, envoltas na inconciencia, se acham adormecidas no seu intimo — o hereditario instinto de revolta e a aspiração humana ao comunismo.

O proletariado acorda, enfim, desse profundo sono para entrar na realidade da vida.

Compreendendo que a solidariedade é a forma mais racional de entendimento entre os homens, que os irmaça e torna aptos para qualquer ação, esse proletariado, se bem que oprimido pelos senhores, acabrunhado e entristecido, mais que nunca, e grandemente onerado pela revoltante sangueira mundial — a guerra europeá — e que é o grande ensinamento de que podemos tirar partido, quer dando-se as mãos por cima das fronteiras, dissipar os odios e cultuar esse nobre sentimento. Para isso precisa caminhar resoluta a aperfeiçoar e intensificar o sistema associativo e dar com isso incremento ás suas aspirações humanas.

quencia, as forças do proletariado, ainda dispersivas e sem homogeneidade, não fica restringida a obtenção dessa parte de lucros e outras regalias, é claro. Antes com elas aumenta e satisfaz necessidades hoje insatisfeitas e prepara o proletariado para novos estímulos, levando-o à completa transformação social. Da união das forças dispersas, espera-se, o mais possível, portanto, a ação conjunta e definitiva.

Aqui vemos, pois, que a solidariedade, «alma-mater» de todas as conquistas humanas de caráter coletivo, é, sem que muita gente o saiba a creadora e renovadora incessante das forças que se tornam conscientes, a transformadora da passividade em ações, medidas e iniciativas jenerozas.

Forte propulsor de atos vigorozos ela nos demonstra que o rebelde isolado não luta por muito tempo, antes sucumbe absorvido pelo meio, ao passo que agregado a outros individuos sente-se estimulado e robustece, assim, as suas aptidões, desenvolve o seu espirito de revolta, tornando-se, cada vez mais uma quantidade apreciavel no meio transformador da sociedade, o salutar exemplo aos timoratos, apáticos ou inconcientes.

É para a metodização e intensificação dessa luta que devemos trabalhar. O que queremos é arrancar o proletariado à apatia e lançá-lo na luta consciente, que se avoluma e se transforma em grande batalha social, com forças aptas para vencer um inimigo astuto, poderoso e sem entranhas.

Acima dissêmos que o sindicato é a forma mais evoluida das associações operarias.

É preciso insistir neste ponto e esclarecê-lo o mais possível.

A sociedade burgueza, complicada e brutal, é baseada em desigualdades economicas, isto é, dividida em ricos e pobres — os que monopolizam o capital, a produção, os utensilios de trabalho, a terra, as riquezas sociais ou patrimonio publico, em suma — e os que produzem essas riquezas e que, no entanto, vivem sob a pressão iniqua do salariato.

mitiva, que se quer altamente racional — socialização da terra e dos meios de produção, distribuição equitativa dessa produção, permuta dos produtos, probabilidade lojica do consumo.

Não tendo a natureza estabelecido jerarquias entre os homens é naturalissimo que os produtores, esmagados pelo rejime capitalista, se revoltem contra este e procurem entrar na posse de tudo que o seu esforço muscular, guiado pela intelijencia, creou de util á comunidade humana e a que têm incontestavel direito, derribando os de cima, que se acham, pelo seu parasitismo, em condições de satisfazer amplamente as suas necessidades em detrimento das necessidades dos trabalhadores.

Alem disso, mèsmo para os trabalhadores mais inconcientes, a miseria, consequencia immediata da desigualdade economica é insuportavel. Essa miseria é agravada ainda pela ostentação que os ricos fazem da sua opulencia.

Os trabalhadores mais concientes sabem que o rico, farto, tem possibilidade de instruir-se e alimentar-se, e, por isso, probabilidade segura de prolongar a vida, ao passo que o pobre, sem alimentação e instrução convenientes, morre prematuramente.

Alguns medicos eminentes, em trabalhos estatisticos de valor, constataram « que a abastança diminue a mortalidade, enquanto a miseria a aumenta e ainda abrevia a vida » o que leva á conclusão que a classe trabalhadora dá á morte um continjente fabuloso devido ao seu precario estado sanitario e consequentes condições inferiores de existencia.

Niceforo, cientista italiano, diz: « O organismo do homem pobre, no ponto de vista antropolojico, oferece á molestia e á morte menor rezistencia que o organismo do homem abastado. »

É como se não bastasse, para vergonha da humanidade, essa inferioridade liziolojica dos proletarios eles têm ainda, alem da morte lizica, a moral, isto é, a sua degradação constante que vai até aos extremos de degradar a especie procreando seres raquiticos, já ao nascer depauperados, especimens em que se perpetuarão a ignorancia, a inconciencia e o servilismo dos pais.

É dizer-se que de todas essas horriveis mazelas vive uma casta inteira explorando a formidavel ignorancia da maior das classes sociais, matando-a duplamente — pela inanição e pelo falso e sofismado ensino!

O resultado desse ensino nós o vemos bem: os proletarios não comprehendem que sucumbem em consequencia do continuado e bestial esforço gasto em trabalho sem compensação... Esforcem-se por comprehender o porque da sua situação miseravel e verão que têm de conquistar, a todo o custo, os meios que lhes favoreçam o desenvolvimento integral da existencia.

É se os ricos tripudiam dos pobres é porque não gnomam que eles — a vasta maioria — são fracos e timoratos e além de tudo dezunidos. Sabem ainda que, prolificos como são, aumentam diariamente, com os filhos que engendram, os fortes continjentes para abastecimento da sociedade burgueza: a carne explorada na officina e na fabrica e a carne de canhão que vejeta estupidamente na cazerna — o soldado — instrumento defensivo dos seus interesses inconfessaveis, a legião interminavel dos criminosos e doentes que são a justificativa de aparelhos de opressão e exploração: medicos, juizes, toda uma falanje que vive paga fartamente com o dinheiro estorquido por sua vez á grande massa produtora.

A dezigualdade economica de que vimos falando jero um estado de miseria que cada vez mais toma proporções gigantescas. Além de tudo, a maquinaria, dando prodijiosa força ao industrialismo, pôz de parte milhares de braços, porque o proletariado não soube tirar dela os proventos racionais de simplificação do trabalho, aumento de produção e economia de energia. Foi o contrario que succedeu. É o regime capitalista continua a aumentar o numero das vitimas.

Somos todo o dia testemunhas da morte, por inanição, dos que, por não encontrarem quem lhes alugue os braços, vêm-se privados do consumo.

Mas a sociedade burgueza, que aliás não pode dar remedio ao pauperismo porque dele vive — chegou ás ultimas consequencias do banditismo: serve-se dos miseraveis para todos os seus vis manejos de filantropia men-

luz em que tomam parte as grandes damas resplandecentes de joias, ou para que substituam, no mais agudo dos periodos grevistas os camaradas que se insurjiram contra a pressão economica.

Para pôr termo a essa ignominioza escravidão que reduz o homem a simples machina de produzir que, á medida que empobrece a si mesmo enriquece outros, os homens se vêm associando, trocando idéas, combinando, enfim, os planos de defeza na luta que tentam travar.

Fazia-se sentir a necessidade de um orgão que coordenasse e dispuzesse as forças para a luta. Esse orgão surgiu, ampliado e concreto na forma do sindicato, conseguindo dispôr essas forças.

A nova forma associativa, expressão dos interesses profissionais, economicos, materiaes e morais da classe proletaria — a unica que contem em si todos os elementos ativos da vida social — tem bem clara e definida a sua função elevada: educando e tornando os individuos o mais possivel concientes, procura demovel-os da apatia, convencendo-os de que têm de aceitar, para defeza de sua vida uma luta sem treguas contra dominadores de toda especie.

É com essa orientação dirige-se imediatamente o esforço do sindicato para a obtenção, no campo economico, da primeira conquista: com o menor esforço (diminuição de horas de trabalho) a maior remuneração o que quer dizer melhora nas condições indispensaveis á existencia.

Essa diminuição de horas de trabalho, ou seja para os operarios organizados a conquista das 8 horas, é questão de importancia bem maior do que se pensa.

Não se trata, já se vê, como pensam os operarios reformistas (os que ainda crêm nas panacéas legislativas) que o parlamento venha a conceder essa importante melhora. Plataforma revolucionaria essa conquista tem de ser levada a cabo pela ação e atividade operarias, em contra-posição a tenaz opposição do patronato.

Para compreender bem o alcance dessas 8 horas de trabalho basta dizer que, sem mais ezame, podemos afirmar que aos dias de trabalho curto correspondem salarios altos ainda que a maioria dos operarios julguem que se trabalhar menos, menos ganharão...

(o que é uma proporção assustadora), cuja maior preocupação era beber ao deixarem suas ocupações; os mineiros de Nothumberland (Inglaterra) dados em êxtremo ao alcoolismo, hoje que trabalham a aproximadamente 7 horas são bem reputadas pela sua sobriedade.

Assim de darmos mais força a asserção de que, com a redução do dia de trabalho os operarios elevam o moral e empregam seu tempo de maneira sã, ha ainda um fato tipico: a Casa Bushill (em Country, Inglaterra), suprimiu radicalmente as horas suplementares, e, sem diminuir os salarios reduziu, o trabalho a 50 horas por semana. Consequencia: os 250 operarios dessa casa crearam uma biblioteca que seis mezes depois da redução contava 600 volumes e 1500, após um ano.

Sob o ponto de vista dos interesses patronais — que a nós nada devem importar — podemos dizer comtudo que a redução de horario é relevante, pois lonje de os lezar mais os beneficia. Se nos referimos ligeiramente a isso é para constatar que a sua opposição a essa conquista nada mais é do que a prova evidente da sua avidez de lucros.

Dizem eles, para justificar a recusa da redução de horario, que ela lhes é grandemente prejudicial visto que diminue a produção.

Examinemos este ponto da questão sempre com os dados da pequenina brochura da Confederação Jeral do Trabalho de França, onde se prova o contrario do que afirmam os senhores da industria.

Ha anos, a companhia de vapores de Sidney (Australia) concedeu aos trabalhadores do ferro de seus estaleiros o dia de 8 horas, com a condição de aceitarem, a titulo de experiencia, uma redução proporcional nos salarios. Ao cabo de um ano a companhia reconheceu que melhor trabalho (‘gocany’, trabalho sem precipitação), as economias de gaz, azeite e outros materiais lhe permitiam pagar os antigos salarios e o fez.

Na Inglaterra, ha mais de 10 annos, foi adotado o dia de 8 horas nas officinas do Estado, por iniciativa do ministro Campbell Banerman que declarou ao parlamento que ‘as informações que tinha lhe permitiam afirmar que a redução a 8 horas seria tão vantajosa para o Estado,

ofícios, que se estenda a todos os trabalhadores, pondo de parte as aptidões e considerando acima de tudo as necessidades. Só assim se obterá a unificação desses salários, o que vem a ser um grande bem. O criterio jerarchico ha muito que vem matando a solidariedade e retardando a emancipação humana. É tempo de pôr de parte essas velharias rolineiras, vergonhozas e, além disso auxiliadoras do patronato na sua obra de dissidencia da classe trabalhadora.

Intensificar os salários e unificá-los, extinguir as categorias entre os operarios, é diminuir o poderio economico do capitalismo — é extinguir privilejios e o proprio salario pela fraternização que disso advirá.

A precizão e a racionalidade da doutrina sindicalista incitam a robustecer a união entre os proletarios para a implantação de novos costumes: o reconhecimento da vontade do trabalhador dentro da fabrica e da officina, o respeito á sua dignidade, a adopção de habitos de hijiene que forcem o patronato a abrir o cofre-forte e melhorar as condições de salubridade das cazas de trabalho (ar renovado; luz bem distribuida para que sejam evitadas as lezões tão frequentes dos órgãos vizuaes em certas profissões; boa disposição dos objetos e utensilios de trabalho, até mesmo bom gosto na pintura e decoração dos interiores de officinas e fabricas que se quer sejam confortaveis e alegres; condições de segurança dos edificios, onde funcionam agrupados muitos trabalhadores; vijilancia para que as suas pessoas não sofram continuos accidentes que os levem á invalidez ou á morte prematuras; renovação constante da maquinaria e ferramentas para que não gastem inutilmente uma enerjia que só aproveita ao patronato em detrimento da saude, e especialmente do sistema nervozo do operario que luta, ás vezes com grandes dificuldades manejando instrumentos ou machinas já quasi inutilizadas pelo uzo; limpeza, comodidade e conforto, isto é, vestiarios, logares apropriados para as refeições, filtros para as aguas potaveis, lavabos e privadas em estado de serem uzados por homens dignos desse nome, etc., etc.), e, sobretudo, o que é primordial, introduzir nos locais de trabalho, sempre que se possa, o habito salutar de fazer seleção nos assumptos de conversação, assumptos de interesse coletivo

Não é pregar apenas, como qualquer sacerdote, a conduta irrepreensível, o criterio massimo na solução dos varios problemas que se ajitam dentro do sindicato e que se referem ao bom andamento da organização sindical e a parte pratica da ação continuada. É preciso predispor os sindicatos á compreensão da nova conduta, preparar o terreno para realisa-la, aplainadas que sejam as difficuldades que se lhe opõem. É para ser pratico e justo é necessario ezeccutar o que se prega, ser, no meio das incoerencias e dos interesses antagonicos de que vivemos cercados na sociedade burgueza, o mais possivel coerente, esforçar-se, sempre com o ezemplo e a tolerancia para que as iniciativas surjam, não entrava-las, antes estimula-las afim de que se repitam frequentemente. As vaidades pessoaes são postas de parte para dar logar ao desprendimento, á jenerosidade e á simpalia mutua.

A experiencia e a necessidade do momento demonstram bem claramente aos companheiros concientes e ativos que o seu trabalho tem de ser insano. É preciso que se revistam de grande corajem para combater os preconceitos, os vicios e desleixos dos novos associados, ezpurgando-os de defeitos antigos e forçando-os á custa de persuasão a *compreender idéas jenerosas e sãs*.

Está aceito como principio do sindicalismo revolucionario que o sindicato seja um campo neutral, isto é não se filie a partidos polijicos burguezes nem se faça setario estreito desta ou daquela filosofia. Contudo, durante algum tempo serão inevitaveis os choques entre alguns dos seus componentes imbuidos de partidarismo ou de espirito de seitas relijiosas.

O contato, porém, com os camaradas já emancipados de velhos preconceitos embrufecedores, as continuas demonstrações de que taes preconceitos não devem pre-nalecer, feitas por certo com logica e convicção pelos que estudam terão força para afastar a diversidade de opiniões, creando uma corrente racional de idéas, as que, emfim estão de acordo com as necessidades moraes, intellectuaes e materiaes do nosso tempo. É sobretudo de interesses economicos que se trata? Consequientemente aplainem-se

Contra os patrões teimosos e recalcitrantes emprega-se eficazmente a *‘boicotage’*, (uma como que excomunhão que deprecia determinada mercadoria ou determinada casa, apontando-a ao publico como ludibriadora da sua boa fê, ora alterando a qualidade da mercadoria com falsificações, ora *eztorquindo* nos pesos, e ainda fazendo vêr ao publico que ela atenta contra a dignidade dos trabalhadores, explorando-os vilmente) meio que raramente deixa de dar bons resultados quando bem aplicado; a *‘sabotage’* (mão trabalho contra mão salario, entravamento das maquinas nas greves, momentaneamente, para que os *‘amarelos’* delas não se possam servir no exercicio das suas traições indecorosas, ou, ainda, trabalho bem feito, moroso, que lome muitos dias para a sua completa ezeução); a *‘gréve da lomba’* (não abandono do trabalho, *comparecimento diario à fabrica ou officina* simplesmente para produzir ninharias o que dá em resultado ter o patronato de pagar jornaes sem comtudo ter a produção que entrâra nos seus calculos vorazes), são armas que dão os mais satisfatorios resultados e predispõem os trabalhadores à *mais alta compreensão da sua força*.

Ha ainda o *‘label’* (sinete creado pela Confederação Jeral do Trabalho de França, representando duas mãos que se apertam por cima das fronteiras e dos mares, significando a confraternização das trabalhadores) de intenções *mais pacificas do que a ‘boicotage’* e que consiste no convite feito à classe operaria para que *‘favoreça, sem que isto lhe custe nada mais que o esforço da solidariedade realisado, na qualidade de consumidora, os companheiros da corporação indicada. Isto faz-sé de uma maneira muito simples, fornecendo-se cada um da casa dos comerciantes e industriaes que a marca sindical recomenda, como respeitadores das condições sindicæes’*, segundo diz Pouget, numa de suas brochuras.

O *‘label’* é muito applicado na industria do livro. Os patrões que empregam operarios sindicados põem ao lado da firma o sinete sindical fornecido pela Federação do Livro. Este meio, aparentemente bom, não é para nós revolucionario. É uma transijencia que demonstra acordo com o patronato, mas acordo em que elle leva dos lucros

que lhe advem da procura insinuada pelo «label» uma respeitavel parte. A classe operaria deve uzar o menos possivel de meios conciliatorios com o patronato. O melhor mesmo é procurar sempre intensificar a luta. Para nós ha no «label» qualquer cousa de pegajoso e mole que não dá noção de força.

Mas voltemos ás diversas modalidades da ação direta.

Objetam alguns operarios puritanos que os meios que acima apontamos, como armas se revestem de forma pouco digna e repugnam a sentimentos delicados. Para quem aceita os preceitos de Cristo que aconselha que o esbofetado numa face deve voltar a outra para receber nova dose, não está mão o criterio. Mas para os que não os aceitam, semelhante sentimentalismo é prejudicial. É erro manifesto, tocado de uns laivos de cobardia...

A burguezia, usurpadora e orgulhosa, quer para vencer os operarios que contra ella se revoltam, quer para enfraquecer-lhes o poderio sempre crescente que se manifesta em suas associações, em que sempre vê um mal assombroso, quer ainda, quando vitoriosa, para forçal-os a voltar ao trabalho em condições vexatorias que impõe, lança mão da delação, da intriga, dos meios mais torpes, denunciando-os á policia, calumniando-os perante o publico. Comquanto dêem resultado para ella todos os meios são bons...

Nós, então, cruzaremos os braços, emudeceremos as nossas bocas em face de violencias e expoliações?

Isso é que não! Os meios acima ezpostos ezprimem formas de luta. Representam bem que a necessidade engendra novas forças que se cóntraponham aos interesses patronaes dando aos movimentos grevistas impulsos violentos sem os quaes arreferecerão e serão vencidos. Do embate das forças é que surge o desenlace almejado. O antagonista é forte. Procuremos tornar-nos mais fortes que elle.

As greves continuas, bem orientadas, são um exercicio salutar para o proletariado, como que uma ginastica que desentorpece e arrasta os oprimidos á assimilação de novos habitos que os levam, por fim, á resolução de enfrentar valentemente um adversario invencivel apenas á pri-

moral sem sanção de especie alguma, que é a moral da natureza, a unica capaz de dar alentos novos e fazer erguer a cabeça a uma humanidade desfibrada, imersa na miseria, que vê por toda a parte, sem lhe pôr um dique, a degeneração social vergonhosa que, enquanto dá a uns a possibilidade de gosos, a outros tira a possibilidade de viver. E abundam os lares sem pão, onde as mães exaustas de fadiga não encontram em seu seio uma gota de leite para seus filhinhos raquiticos. E os esfarrapados, alcoholicos, doentes, exaustos são em multidão assustadora. É essa ignominia que procuramos acabar a todo custo.

A moral de que falamos não a iremos pregar, por certo entre a jente farta e privilegiada. É na fabrica, na officina e no sindicato que devemos procurar que essa moral se exercite. É dela que depende o ezito e realização dos fecundos ideaes que defendemos. Moral individual, queremos-a colectiva.

E quando os trabalhadores se tenham compenetrado de que a greve não tem por fim senão o engrandecimento da classe, que devem lutar desinteressadamente e não pagos, á maneira de burguezes, para quem o dinheiro é o nervo de suas guerras de ezpanção, podemos dizer que a vitoria se aproxima. Sem esse espirito de sacrificio para a conquista de melhores dias, tudo será vão.

Entretanto, não é difficil compreender que o dinheiro deva ter nas greves um valor muito inferior ao da consciencia e da ação.

Se o dinheiro do sindicato fôr empregado na propaganda de tornar o mais possivel concientes os individuos que o compõem é claro que o peso morto dos que só aceitam a ' greve paga ' diminuirá. Os aussilios espontaneos poderão dar resultado em pequenos movimentos. Nos grandes, quando não se pensa pôr em pratica as ' sopas comunistas ' o melhor é intensificar a luta, ir ás ultimas consequencias, no mais breve espaço de tempo. Os movimentos em massa têm a virtude, quando bem orientados de levar o terror ás hostes opressoras, as que cedem.

O sindicato, quando muito, poderá dar um pequeno aussilio, mas o melhor é dispensal-o cada um dessa função de distribuir subsidios, que não é sua. O sindicato coordena

forças, dispõe-nas para o combate, mas combate a valer. É nisso que está a sua força e vitalidade. O mais é pensar que podemos fazer face ao dinheiro do capitalismo, opondo aos seus milhões os nossos minguados vintens, juntos com inaudito esforço. A luta aceza, abrevia, mesmo sem dinheiro o desenlace, quasi sempre vitorioso desses combates sociaes a que chamamos greves desde que a rebeldia neles ocupe o primeiro plano.

Hia entre nós, em algumas modalidades da classe trabalhadora um terror supersticioso pela greve. Preferem esses trabalhadores sofrer os maiores vexames a atirarem-se á luta desde que não sejam subsidiados pela associação. Vae nisso muito de' habito. Comodistas em extremo não se querem afastar uma linha da rotina em que foram creados. Para justificarem esse procedimento objectam sempre que lhes é grandemente prejudicial a greve, que lhes agrava a situação economica, já premente.

Entretanto é facil opôr a tal teoria o criterio de que, com harmonia de vistas e coezão é facilimo resarcir com a vitoria as energias gastas em tal movimento e cobrir o * deficit * por elle deixado com as vantagens obtidas. As circunstancias forçarão esses homens a compreender seus deveres e saberão agir. E não estamos lonje disso.



No conceito de todos os sindicalistas a ação direta consiste no movimento efetuado pela classe trabalhadora emancipada de qualquer tutela.

No campo economico a organização proletaria é o ambiente mais adaptado e a forma mais comoda para a aplicação da ação direta, unicamente sob a condição de que a organização proletaria, ou sindicato permaneça no terreno da luta de classe e de guerra contra o patronato.

LUIZ FABRI

A ação direta aplicada ao patronato

A ARBITRAGEM É PERNICIOSA

Este capítulo tem relação muito aproximada com o anterior.

O sindicalismo chama ação directa ás pressões de que, sem intermediarios, se servem os operarios para dirimir as suas questões com o capitalismo.

É, de facto, uma tática que produz efeitos rapidos e positivos,

• Eis o que é a acção directa, diz Emile Douget: É uma manifestação da consciencia operaria: pode revestir aspectos benevolos e pacificos, ou vigorosos e violentos: isso depende das circunstancias. Mas tanto num como noutro caso é uma ação revolucionaria, porque não se importa com a legalidade burgueza, porque o seu objectivo é obter melhoramentos que produzam uma diminuição continua dos privilegios burguezes. É, além disso, muito variada nas suas modalidades, conforme as necessidades do ataque dirigido contra os capitalistas e contra o Estado. Contra este ultimo, a ação directa concretiza-se sob a fôrma de pressão exterior, ao passo que contra o patronato, os meios mais empregados são a greve, a «boicotage» a «sabotage».

Da definação que aí fica e da experiencia que nos dá a lucta permanente, verificamos que na pratica é isso mesmo.

Suponhamos uma greve.

Ao abandonarem o trabalho os operarios se dirigem para a séde do seu sindicato (se o possuem) ou para os pardieiros onde rezidem, num cruzar de braços incompreensivel, sem haverem de ante-mão enviado detalhadamente aos patrões, como um « ultimatum » energico, as reclamações que julgam de direito e que os levaram a esse movimento.

Que resulta daí? Os patrões, vendo que não ha pressão immediata aos seus interesses, concluem, por consequencia, que não existe força e que se podem aproveitar do amor á legalidade que os operarios manifestam com tal calma. Compreendendo isso, desenvolvem atividade. Procuram immediatamente « amarellós » (traidores que se sujeitam a substituir os grevistas) e sentindo bem que a produção não paralisará por completo, antevê a grande possibilidade de exito. É como a fome fabrica traidores, eles sabem que não é difficil arrebanhar inconcientes e desocupados. É a actividade continua. Pedem aussilio a outros colegas, que, com o olho nos lucros, aceitam os trabalhos que o colega, por compromisso, devia entregar no mais breve espaço de tempo, ficando desse modo desobrigado com o seu cliente. O que aceita o trabalho do colega que se vê a braços com a grêve, por sua vez intensifica a produção, força seus operarios a trabalharem horas suplementares, em serões que os prejudicam. Ora, para que os operarios das casas não atingidas pela greve se prestem a executar trabalhos que prejudiquem um movimento reivindicador de outros operarios, é condição essencial que sejam inconcientes ou que ignorem tal movimento. Para que isso não suceda o que se deve fazer não é cruzar os braços, permanecer em inatividade. Mesmo que o movimento tenha irrompido de surpresa, ha tempo para tudo, tudo se pôde prévêr desde que haja uma forte dose de bôa vontade, iniciativa e enerjia.

Assim, os grevistas, tomam as suas medidas preventivas. Dirijem-se immediatamente aos trabalhadores da modalidade de classe a que pertencem (se se trata de uma greve parcial) e os advertem que não devem aceitar trabalho de determinada casa, pois que foi nela declarada a greve e com isso lhes pedem solidariedade. Se não ha probabili-

dade de reconhecer os trabalhos que partem da casa em greve, o melhor é procurar estender o movimento a toda aquella industria, o que dá logo á greve um aspecto de combate que se pôde tornar intenso. Se tal succede, redobra a atividade. Põem-se os grevistas em comunicação com os camaradas de outras localidades, proximas ou distantes, pedindo-lhes a solidariedade e que se oponham a que delas saiam operarios a substituir os grevistas. É eficaz para os operarios não ficarem isolados nesses momentos de luta, pois que, embora exercitando esses meios, que podem não dar os resultados almejados, é bom não esquecer que se deve recorrer simultaneamente a outros. Enquanto alguns *companheiros* se dedicam á parte ofensiva da luta, outros exercem a ação defensiva. Recorre-se á solidariedade de outras modalidades da classe trabalhadora: ezerce-se pressão mesmo sobre os interesses de industriaes alheios á greve para que sintam a força operaria, direta ou indiretamente influindo nos seus negocios. Exemplo: todo o perimetro onde estão colocadas oficinas ou fabricas em greve, sofre a influencia desse movimento. Procura-se conflagrar todo esse perimetro com forte agitação, entrando nos botequins, tomando todos os logares e passando horas a bebericar café, fazendo despezas diminutas de niqueis; faz-se fechar o açougue, o armazinho, a taberna; toma-se o bonde que passa, desorienta-se o motorneiro e o recebedor, marcando no registro passageiros que não pagaram; salta-se, e ao vir a policia, com os cavalos o galope, atiram-se uns vidrinhos com amonia, que ao quebrarem, irritam os cavalos, que cospem da sêla os cavaleiros; atravessam-se fios de arame pelas ruas (principalmente á noite) e provoca-se ao lonje a policia: apagam-se os combustores.

Não ha tempo a perder. Os grevistas dividem-se, subdividem-se. Penetram nas grandes casas de modas, bazares, e brinquedos e, a pretexto de comprar, distraem os empregados fazendo-os perder tempo em detrimento, não só de burguezes que desejam comprar, como em prejuizo da caixa do patrão. Ao fim do dia esse prejuizo salta aos olhos.

É como o grevista não pôde deixar de tomar parte no consumo, que mal haveria em entrar nos restaurantes, e nos melhores, comer e . . . sair ?

Mas, como dizíamos, a acção directa com relação ao patronato é a forma de luta, na defeza proletaria, a mais racional e lojica que a experiencia podia ter creado, não só por collocar frente a frente operarios e patrões, a discutir seus direitos e interesses — de potencia a potencia — força contra força, como tambem por terem os trabalhadores a probabilidade de demonstrar, a viva voz e por jestos eloquentes, que não são imbecis e que comprehendem que só o seu interesse é lejítimo, ao passo que o dos seus oppressores se baseia na extorsão contínua legalisada.

É ainda não basta. A acção directa é importante sob o ponto de vista de intensificar a luta entre ambas as partes, experimentando forças, forçando o patronato a mostrar suas armas e acelerando a solução do movimento.

• • •

A acção directa applicada a dar solução aos conflictos entre o capital e o trabalho, surgiu, não só pelos motivos que acima ezpuzêmos, como ainda pela necessidade de afastar desses conflictos os « jenerosos » intermediarios que « graciosamente » se oferecem para lançar as bases de acordos, pôr um ponto final ás lutas travadas com o fim de restabelecerem a « paz social ». É isso que se chama arbitragem.

Ora, a arbitragem é sempre a armadilha bem preparada em cujo visgo caem os passaros incautos . . .

A pratica de longa data demonstra a saciedade que é sempre grande erro confiar a outrem a faculdade de tratar e resolver os nossos assumptos. Delegar poderes, seja a quem fôr, para defender os nossos interesses que dependem de circumstancias, de factores diversos, de meio completamente alheio aos intermediarios, estranhos sempre á vida operaria, cujas necessidades desconhecem é, antes de tudo abdicar do direito de pensar e de agir, revelando incapacidade na defeza da causa propria.

Os operarios, á custa de muitas decepções e soffrimentos, já se vão convencendo que o melhor que têm a fazer é tratar elles proprios, pelos meios e da melhor maneira que entenderem, dos seus sempre burlados interesses.

Chegou-se á conclusão logica e clara de que os intermediarios (e nem podia deixar de ser assim) pertencendo á classe burgueza ou della recebendo favores, só a ella darão por certo ganho de causa, uma vez que, na qualidade de arbitros, estão investidos de amplos poderes. Nem sequer podemos supôr um pouco de honestidade na arbitragem. É a areia lançada aos olhos dos trabalhadores para que cedam nas suas pretensões...

Velhacaria sem nome, seu fim exclusivo é procurar treguas para melhor aparelhar as forças repressivas, dispor-as em ordem de ataque decisivo para maior probabilidade de vitoria e emquanto a bandeira branca do enganoso armistício tremula e nos dous campos se parlamenta, o ardor dos grevistas arreface (e é isso que pretendem os interessados na arbitragem), os intermediarios velhas, raposas astutas, vão travando conhecimento com os companheiros mais influentes no movimento, até mesmo se acamaradando com eles, usando de maneiras « francas e delicadas » para melhor mascarar os seus designios hypocritas. É com essa farça da boas maneiras e promessas falazes chegam a obter, por inadvertencia dos sempre incautos e dos sempre ingenuos operarios, aquella porção de uteis informações, detalhes e medidas que se referem ao movimento e funcionamento das organizações e que bem podiam ficar occultos.

A arbitragem é a traição manifesta. É o medo que transije de pernas tremulas, cede, para depois de passado o terror tornar-se arrogante, tirano, vil, manejando orgulhoso as armas que o adversario leal pousára no chão, para o tregua, que mão traçoceira arrebatou á socapa.

Demais para que toda essa nutil papelada de accordos assignados por intendentes, chefes de policia, politicos e industriaes profissioaes da chicana, legalizados com todas as praxes? O patronato arrogante encontra sempre meios de fugir á palavra dada, pretextos para voltar atrás

sem que o governo lhe vá á mão por isso. O governo é o órgão representativo dos interesses da burguezia, já o sabemos de sobra. Tem por isso de fechar os olhos a todas as trampolinajens que possam dar ganho de causa áquelles que lhe dão, para manter-se, uma farta porção do capital subtrahido, em continuos escamoteios legalisados aos trabalhadores, que na maioria não se apercebem dessa infamia. Depois, faltar á palavra dada não constitue delito para a moral burgueza. Os burguezes não delinquem. Fazem leis para punir os delictos alheios, deixando sempre uma brecha por onde possam fugir quando praticam crimes e ajudados pelos seus iguaes, encontraram sempre absolvição. É esta a moralidadé burgueza! De resto, ludibriar os desgraçados é até um ato divertido que não affectando a dignidade e a honra dos potentados provoca boas gargalhadas. A canalha não vale um caracol, não merece sequer comiserção! No mundo burguez, urdido de mentiras e infamias tudo é assim. Na tecnica militar chama-se tactica, estrategia, ou cousa que o valha, enganar e surpreender o inimigo para disso tirar a probabilidade ou certeza das victorias. É isso a bravura legalisada, decantada em prosa e verso, que revela a competencia dos seus grandes generaes. Um individuo fraco, perseguido, espera um dia seu algoz forte e bem collocado, a um canto e, de surpresa dá-lhe a merecida lição ou o elimina mesmo, é logo taxado de cobarde, um vil que não tem coragem precisa de atacar pela frente. São estas vesgas maneiras de vêr que os trabalhadores não comprehendem... A traição dos de cima galardoada... A defesa dos de baixo, punida, enxovalhada...

Mas se temos de atuar no sentido honesto de transformar o mundo, lancemos desde já a semente dos novos costumes. Ensinemos e propaguemos o culto da força. Os nossos opressores usam e abusam dela, exercitando-a contra nós o mais que podem, em detrimento dos nossos direitos. Porque não fazemos o mesmo?

Nós desejamos apenas justiça e, para nós, justiça é o reconhecimento de direitos. É isso nós o podemos fazer, impondo pela nossa força conciente.

classes. Eis porque procura o mais possivel aperfeiçoar as suas tendencias, modificando-as, á medida que se amplia e desenvolve a mentalidade dos trabalhadores, dando-lhes, assim, probabilidades de se eszurgarem de preconceitos vergonhosos e egoismos estreitos, limitados a procurar, entre quatro paredes, fazer subir os salarios e reduzir as horas de trabalho, o que seria amesquinhar as funções de um aparelho economico que é tambem aperfeiçoador moral dos individuos. As conquistas puramente immediatas desse sindicalismo «que se basta a si mesmo», sem outra intenção mais elevada, qual seja a da transformação social, são bastante iluzorias, pois que se vêm sempre neutralizadas pelos que cedem hoje, para tomar amanhã. Porque (fartamente o sabemos) se, por ezemplo, ha alta nos salarios, immediatamente o preço das substancias sobe e um novo imposto é lançado, recahindo fortemente sobre o consumidor-produtor, deixando assim neutralizado o momentaneo esforço operario, se não houver a corajem e inicialiva de ezigir e impôr nova alta nesses salarios.

O espirito critico que a propaganda tem despertado entre os trabalhadores leva-os a ter uma opinião ácêrca das questõis sociaes que ultimamente se ajitam.

Mas, em contato com camaradas concientes, o operariado vai verificando, com os olhos mais altos e a inteligencia mais esclarecida, que as substancias aumentam sempre na razão direta do aumento dos salarios ou que, aumentados os salarios, as subsistencias sobem ainda mais ao passo que estes oscilam, (apezar do desenvolvimento das industrias, depois da guerra em que os lucros capitalistas têm sido fabulozos) tendendo mais para a baixa, concluíram os operarios que nisso havia um conchavo entre os que cediam o aumento dos salarios e os que aumentavam, porque para isso têm poderes, o preço das substancias. Esse dar de um lado e tomar de outro capacitou os operarios de que contra os poderes publicos têm que ezercer tambem a sua ação.

Felizmente para a humanidade os operarios vão abandonando a confiança cega no governo, o protetor, o papai Estado todo poderoso, sem terem comtudo a corajem sufficiente para hostilizar-o e enfraquecer-lhe, assim o poderio.

É por consequencia muito natural que, á medida que se emancipam dos preconceitos politicos, os trabalhadores sindicados se vão sentindo dispostos, como diz João Grave, com acerto, não só a « inspirar-se, tanto nos ideaes que lhe vêm de fora como nos do proprio ambiente sindical: a sua ação deve ampliar-se e sair do sindicato, afim de passar da luta corporativa á luta social ».

Como se vê, para operar a transição da luta sindical á luta social precisamos forçar os poderes publicos a tomarem providências immediatas sobre os diversos assuntos que se relacionam com os interesses economicos da massa trabalhadora. A nós pouco importam os meios que empregarão os dirigentes. Que façam leis ou não as façam, a nós é isso indifferente. O essencial é que se mexam, que rezolvam.

É para que a pezada maquina governamental se mova em nosso favor temos que aussiliar-a com o lubrificante da ação direta, intervindo com toda a força e enerjia, em choques decizivos.

Ora é o protesto veemente, nas ruas, nos logradouros publicos contra a carestia das subsistencias, impondo ao governo tabelas de preços ao alcance de todas as bolsas e, por zonas, não seria máo que os operarios passassem a processos praticos para obter jeneros. Por exemplo: englobam essas despezas, entram em armazens, fazem as previzões de que necessitam e as pagam de acordo com suas posses:

— Dividida por cincoenta que somos, tocam dez mil réis a cada um: cada um aqui possui apenas cinco e é com isso que paga o que precisa, porque tem direito a alimentar-se, embora não ganhe, trabalhando, senão o salario da fome.

O mesmo se fará com as cazas. Aumentam os alugueis, aumentam as subsistencias e diminuem os salarios? Fazemos a grêve dos inquilinos, neguemo-nos a pagar alugueis a quem, jeralmente, já embolsou por uma casa anti-hijienica, ás vezes, pelo menos, duplicado valor dô capital empregado.

É não é só. Quando aparecem leis repressivas ao movimento associativo operario a pretexto de que, sendo

revolucionarios os sindicatos perturbam a « ordem » (pretexto para cercear aos operarios o direito á vida e liberdade), as perseguições a companheiros internacionaes que vão até a expulsão, protesta-se, faz-se ajitação em torno do cazo e não seria máo que, de tudo tirassemos proveito, aproveitando eleições para aconselhar ao povo em jeral a maior abstenção ás urnas, fazendo, em manifestos, critica impedioza ás instituições, compelindo-o a não dar seu voto a ninguem porque todos, mais ou menos, pertencem á camarilha dos farçantes, que se locupletam á custa do povo a quem prometem mundos e fundos antes de alinjirem o poleiro para depois, bem alto, cantando forte, lançarem o escremento sobre as aves miudas — o povo — que, com o papo vazio contempla o banquete dessas aves raras de bela plumagem...

Estamos em face de uma lei que procura proteger potentados, escandalozamente, em detrimento da massa popular?— protesta-se com uma manifestação de dezagrado ao governo, apedrejando, inesperadamente, senadores, deputados, ministros; estabelece se um « trust » (monopolio) em qualquer industria e que vem lesar ainda mais os já lezados interesses publicos, nova ajitação, novos protestos, mesmo alguma cousa mais solida e eloquente, ou seja esfolar a pele dos tratantes. (Porque o monopolio é este; varios capitalistas se reúnem para assambarcar determinada industria, tal como ocorre nos Estados Unidos e, com fortes capitaes, ou compram fabricas ou oficinas ou montam novas, em grande escala; barateiam monetariamente os preços e com isso forçam os pequenos industriaes a entrarem em negociações para a venda dessas fabricas ou os arrastam á falencia inevitavel. O fato de baratear a mercadoria, parece á primeira vista dar prejuizo aos arjentarios. Mas não é isso; senhores das pequenas fabricas, donos do terreno impõem ao commercio, e assim ao publico, os preços elevados que entendem. É não ha para quem apelar, pois essa velhacaria é « legal! »).

É quando as pequenas ajitações não dêem resultados praticos, organizem-se os comicios numerosos, as passeatas que atemorizam, as assuadas e, por fim, a perturbação das festas da burguezia, o protesto levado aos locais onde

ella se diverte, ezibindo luxo nababesco á custa dos trabalhadores. Perturbemos-lhe o sono indo aos bairros elegantes onde ella regaladamente dorme em fôfos colchões, a apedrejar-lhe as fachadas das vivendas. Harmonizar-se-á, um pouco, por medo, ou entrará logo pelo caminho das repressões ferozes. Se enveredar pelo segundo caminho (o que é mais certo), tanto melhor, porque, fortalecendo e acirrando o nosso animo combativo, abreviará a sua queda. Ella que atire e nós lhe responderemos com armas mais mortíferas...

Em todo caso que todos saibam precavêr-se « contra as ferozes sanções da lei », no momento das perseguições, burlando a ação da policia e ajindo com habilidade.



As cooperativas. -- Mutualidade, subsídio aos sem trabalho. -- Sindicato de bases múltiplas

Ha ainda no meio operario centenas de milhares de homens que estão egoisticamente convencidos da eficacia das cooperativas. Essa convicção mostra bem a pretensa mentalidade evoluida de alguns e a profunda ignorancia da totalidade. São, portanto, homens que desconhecem por completo o espirito de luta de classes e que só vêm as couzas por um prisma acomodaticio em que o lucro assume as proporções massimas de felicidade.

Para quem não possui o habito de aprofundar os fatos e as idéas, realmente, á primeira vista o cooperativismo parece dar aos trabalhadores vantagens incontesteis.

Os operarios praticos, estudiosos e ezperimentados, porém, ha muito compreenderam a similitude que ha entre o aparelho burguez (açambarcador da produção e seu distribuidor) que se acha em mãos do capitalismo, manejado com tanta inepecia quanta velhacaria, avidez de lucros e baixeza de sentimentos de justiça.

Digam o que quizerem os defensores do cooperativismo, elevem embora os meritos desse sistema, o certo é que essa forma economica não representando um organismo util ao futuro nada mais significa que um trambolho á ação rebelde do proletariado conciente.

Se o cooperativismo (é a experiência que o diz) não beneficia, não moraliza, não instrue nem torna o proletariado apto para dirigir e produção e a sua consequente distribuição e consumo, para que serve ele então?

Ha quem de boa fé julgue que o cooperativismo dá aos operarios probabilidades de exercitarem capacidades administrativas. Por nossa parte julgamos que tal não se dá de modo nenhum.

Para nós (estejamos embora muito errados) a cooperativa, seja ela qual fôr, não passa de concurrencia vulgar, bazeada na exploração capitalista, na oferta e na procura capitalista, na compra e venda capitalista, no lucro capitalista, embora aparentemente sem intermediario. É favoravel, como qualquer commercio á avidez de lucros, á proliferação dos ratos-burguezes, miseraveis transformados do dia para noite, pela esperteza, audacia e falta de escrúpulos, em tiranos e exploradores dos seus companheiros de hontem.

Dezenvolvendo a ganancia, a sêde crescente de lucros, dentro em pouco as desigualdades profundas são um fato dentro das cooperativas, visto como os operarios que mais ganham podem comprar quantidades superiores ao seu consumo, applicando-as a pequenas tranzações com outros operarios ou com estabelecimentos commerciaes, além do que se verifica ainda que os operarios das industrias e officios em crise, os que ganham salarios mesquinhos, são postos fóra das cooperativas, ás vezes para dar lugar a individuos que não pertencem á classe operaria, jente acomodada que bem podia prescindir de taes favores.

Mas ha ainda fortes razões a mais para hostilizarmos as cooperativas. É que ellas, com a apparencia de melhorarem a vida economica dos trabalhadores, limitelles a ação a comer melhor, comprando mais barato os jeneros de primeira necessidade. O resto fica relegado para um plano inferior, para uma época lonjinha. Todas as iniciativas, todos os pruridos de revolta, os anceios de um mundo melhor, a cooperativa sufoca para dar logar á preocupação esclusiva de comprar mais barato, tendo em mira, ainda, o dividendo.

A jente «ordeira», á falta de melhores enerjias não pode proceder de outra forma...

Entretanto, preferimos a tática inversa: para melhorar a situação económica do proletariado devemos uzar a ação, forçar os poderes publicos, os açambarcadores a cederem, á força, as melhorias que julgamos indispensaveis á nossa subsistencia,

Dezêjando robustecer ainda mais o que asseveramos acima transcrevemos o que diz em seu trabalho «Sindicalismo revolucionario» (Valor do cooperativismo) o conhecido e talentozo escriptor Neno Vasco:

«Na cooperativa de consumo, reúnem-se muitas pessoas para comprarem por junto os jeneros de consumo, revendêndo-os aos socios. O seu intuito, raras vezes atinjidó por completo, é a supressão dos intermediarios.

É facil que a cooperativa tenha o poder económico de comprar na orijem e em grandes quantidades, estando, portanto, sujeitá ao grande comerciante. Demais, nem todos os operarios, nem todas as categorias de operarios podem facilmente recorrer á cooperativa; por ezemplo os que sofrem de frequente dezocupaçáo, os que não têm salario fíco, os que dependem, pela sua situação incerta e subordinada, do negociante que vende a credito na loja administrada direta ou indiretamente pelo seu patrão industrial.

Na cooperativa de produçáo unem-se os trabalhadores para produzir as mercadorias e vendel-as diretamente ao publico, no intuito de suprimir o ganho do patrão em proveito do produ'dor e do consumidor. Mas a luta, possivel com o pequeno patrão, é difficilima com o grande industrial e as grandes empresas capitalistas, com os «trusts» que dispõem da melhor maquinaria. Demais, em rejime capitalista está-se sujeito á sobre-produçáo, isto é, produçáo superior ás possibilidades de consumo, embora não ás necessidades reaes, e, por consequencia, ás crises dezocupaçáo e miseria.

Sem contar o espirito de ganancia que as cooperativas, quando triunfantes dezenvolvem, é preciso ter em conta que, sendo os capitalistas senhores da terra e dos meios de produçáo, têm sempre o poder de aniquilar ou

reduzir a proporções mínimas as vantagens económicas das cooperativas, sobretudo se da parte dos operários falta a resistência. Essa resistência é muitas vezes amortecida pelo facto de collocarem os operários a sua confiança nas obras de mutualismo e cooperativismo.

Kropotkine cita o facto succedido a uma pessoa que foi alugar casa nas vizinhanças de uma cooperativa: «Eu elevo o aluguel da casa, dizia com a maior naturalidade a proprietária, porque ha a vantagem compensadora de ficar perto a cooperativa...» Quer isto dizer que os detentores da riqueza social — terras, cazas, maqui nas, etc. — têm muitos meios de retirar por um modo o que por outro perdem; elevação de preços, baixa de salarios, constituição de «truts», açambarcamento de mercadorias, armazenagem de productos que podem esperar, etc.

A propria organização social burgueza no seu funcionamento «normal», com as suas crises de produção, de dezocupação, deslocação de capitães, migrações neutraliza até a obra de resistência do proletariado — o que prova que é uma necessidade incortavel a revolução social, isto é, a ezpropriação da burguezia em proveito dos grupos livres de produtores, a socialização da terra e dos meios de produção.

É não é necessario insistir,

Verifica-se pela pratica que as instituições que não representam no presente um órgão educador e transformador são escrecencias no futuro. Cooperativa é negocio, compra e venda. Negociar, hoje, representa, em qualquer de suas multiplas formas, estar integrado na sociedade burgueza, viver da ezploração de compra, venda e lucros, quando o natural seria ensaiar a permuta entre os produtores, prescindindo da moeda, seja ela qual fôr.

Fóra disso é conservar. É prolongar um rejime economico detestavel, que só pode encontrar apoio ou nos interessados que dele tiram proveitos ou nos inconcientes trabalhadores que nem sequer conhecem o A B C da emancipação individual e coletiva. Novas formulas, novos metodos, isso sim, mas que sejam os preconizados pelos revolucionarios.

Os trabalhadores no Brazil, mui contrariamente aos da Europa e de alguns paizes da America, seguem, á ma-troca, caminho errado. No tocante á organizaçãõ de classes encontram-se ainda, por assim dizer, no periodo atrazado de verem essa necessidade vital nas chamadas sociedades de beneficencia.

É assim, quer se associar para a rezistencia ao patronato, que não tenham essa preocupação honesta, o seu quasi ezclusivo pensamento é defender-se, por meio do mutualismo, dos dezastres da molestia e da morte e, o que é ainda mais insensato, esperam dos sindicatos um auxilio, por grêve, sem o que não se atrevem a taes movimentos.

As sociedades beneficentes, com aussilio de funeral pululam por aĩ, ezigindo, todos os dias, para a sua manutençaõ, um forte continjente de atividade e de dinheiro.

Entretanto, a rezistencia ao patronato é multissimo mais eficaz e de mais prontos rezultados.

Ezaminemos essa questãõ.

A luta de todos os dias nos demonstra, que, uma vez formada a agrupação de rezistencia, o mais possivel conciente, ativa e enerjica, o patronato mantém-se em respeito aos interesses dos operarios organizados, ou pelo menos, ficam na ezpetativa.

Para não perder tempo ensaiam-se, desde logo reivindicaçõis, pondo em pratica a açãõ continuada e vibrante que, por si só, é um tonico para os anemicos da vontade. Desse despertar para a luta vêm imediatamente resultados materiaes.

Luta-se pelo dia de oito horas, por ezemplo, e conquistado este, o que quer dizer menor dispendio de enerjia, ha tempo para crear novas necessidades, que trarão em consequencia um movimento para a alta de salario. Economia de enerjia é saude.

Aqui está, pois, como a rezistencia, levando á diminição de horario e satisfaçaõ de necessidades fiziojicas indispensaveis á vida, intensifica a propria vida e imuni-zar em parte, da molestia.

Pois não estão no ezcessivo trabalho, na alimentação deficiente, na falta de hijiene as cauzas principaes das enfermidades?

Para que associar-se afim de combater as consequencias do mal, deixando de pê. sem as atacar, as cauzas desse mal?

È não é só. A preocupação constante de defender-se contra a molestia, o medo de morrer, deslibram, atrofiam as qualidades de lutador, que porventura possam ezistir no individuo. Obsecado pela perspectiva da morte, horrorizado com o fantasma da doença, passa a ser o morto-vivo, uma entidade morbida como a propria molestia.

O fim da vida é alcançar o massimo de bem-estar e instrução possiveis; é colocar-se á altura de dignificar o individuo e a humanidade.

Gastar tempo, dinheiro e enerjia a pensar na morte, na doença, no desemprego é comprometer inutilmente a atividade natural em detrimento da luta por interesses economicos que legitimem a ancia de melhor futuro moral.

Todo bem-estar depende do grão de enerjia que se empregue na sua consecução. Baseada em interesses antagonicos á sociedade atual força os individuos á luta, a menos que, rezignados, se deixem matar lentamente. O sistema patronal assenta sobre a força e só á força tem que ceder o que eztorque aos trabalhadores sempre tão desinteressados de sua propria cauza.

Adoeceis, trabalhadores, porque não vos importais com a defeza da vossa saude: Nem sequer sabeis que isso está em vossas mãos.

Trabalhar menos, o que é poupar enerjias, ganhar para ocorrer ás necessidades de alimentação sadia, de habitação hijienica e confortavel, bem como ter probabilidade de instruir-se e educar-se, eis de que se precisa para viver normalmente e evitar as torturas da molestia.

A doença é fruto da sociedade atual. Para os que dirijem a sociedade ela é mesmo necessario para justificar os gastos formidaveis com hospitais, instituições pias que aos nossos olhos aparecem como obras de filantropia, mas filantropia paga com o nosso suor. Abre os ouvidos, tra-

balhador, abre os olhos, ouve, convence-te de que a toda hora és ludibriado, enganado, sob a forma de belos jestos e lindas palavras!

— Sabes de onde provêm a tuberculoze? Sabes que é molestia em jeral?

E' o depauperamento fizico pelo ezcesso do trabalho, má alimentação, auzencia de repouzo, más condições de hijiene, que predispõem o organismo humano aos ataques do morbus evitavel.

Podem objetar que os ricos tambem adoecem, e no entanto não trabalham, ao que se pôde responder que vivem mais e as suas molestias são mais curaveis que as nossas, pois seus organismos, momentaneamente abalados encontram reconforto no descanso completo, na alimentação adequada, a que se juntam os cuidados medicos, a assistencia contínua, o que nós não temos. E' bem verdade que os ricos se dão aos ezcessos que a abundancia de meios provoca, que ha falta de educação e criterio: super-alimentam-se, e se não se esgotam no trabalho, gastam enerjia em prazeres materiaes, no refocilamento dos vicios galantes, que vão dos desvarios do amor pago às fantazias da gula e da intemperança.

Leiam os trabalhadores com atenção as opiniões abaixo e pensem se ainda é racional perder tempo com frioleiras de beneficencia e outras.

Diz Rênon, num discurso sobre defeza social contra a tuberculoze:

« Numa palavra, todas as medidas, venham donde vierem, desde que melhorem a vida material e intellectual dos trabalhadores, terão repercussão fatal sobre a diminuição da tuberculoze ».

Vê-se, por estas palavras o erro dos mutualistas que, parece, querem conservar as cauzas da tuberculoze, rezervando sua atitudo para combater, por meio das suas organizações, as consequencias fatais dessa molestia... Para justificar esses organismos paliativos fazem cultura inconciente de microbios...

Mais eloquente ainda que a opinião de Rênon é a do Dr. Tuboulet no Congresso da Tuberculose (Pariz 1908). Citando a linguagem dos que ele julga « adversarios interessados » passa depois a dizer: « Conhecemos as causas da tuberculose; dependem da insalubridade das habitações e das oficinas; provêm do trabalho excessivo, da alimentação insufficiente, dos salarios demasiado baixos, da falta de licenças e de aeração, notadamente para tantas profissões malsãs. O que pedimos é um aumento de preço do trabalho, permitindo alimentação melhor; o que exigimos são habitações salubres e repouzo mais liberalmente facultado. Eis o que queremos, eis como compreendemos a luta contra a tuberculose ».

È se os trabalhadores dezesarem verificar ainda mais as causas da miseria assim de combatel-as, aqui têm estas palavras de uma realidade crua, bazeada em algarismos lugubres, fruto de observação do Dr. João Wintsch, clinico em Lausanne (Suissa) sob o titulo « A medicina e o proletariado »:

« Nada mais mortifero que a miseria, a pobreza, a privação. È é claro que onde o sol só a custo penetra ou nem chega a entrar, na pocilga do proletariado, tem a doença mais facil acesso que nas habitações amplas, iluminadas, confortaveis, das classes abastadas. Velho chavão, não ha duvida. Mas vejamos a couza mais de perto.

Onde a doença grassa, aparece a morte, e portanto o resultado fatal da pobreza é uma chacina dos proletarios, lenta e encoberta, de todos os minutos, mas absolutamente matematica. Vejamos.

Ao passo que a mortalidade por sarampo é de 11, 8, 5, 2, 0, 8 por cem mil habitantes nas circunscrições ricas de Pariz, é respelivamente de 17, 28, 29, 35, 39 nas circunscrições pobres—sendo certamente o sarampo a mais comum doença grave da infancia. Trata-se da differença? Morrem dela entre os ricos 5 ou 3 creanças, ao passo que entre os pobres, sobre o mesmo numero de pessoas, morrem de 7 a 18.

Em 1912, durante a ultima semana de janeiro, havia tantos cazos de morte por sarampo em sete bairros pobres como em todos os outros bairros de Pariz. A doença faz,

pois, na verdade, uma escolha na população e a sua triste companheira, a morte arrebatava muito particularmente os pequenos da classe.

O prof. Proust mostrou, aliás, que a mortalidade, desde o nascimento a 1 ano, era de 7,6 % nos burguezes e 20 %, em média, para a população, isto é; os bebês dos proletarios incorrem numa proporção que vai frequentemente até 40 e 50 %.

Em Bruxellas, o inquerito do Dr. Janssens mostrou que sobre 100 creanças de 1 ano ou menos, morriam 9 entre os ricos e até 70 entre os pobres.

Na Alemanha, acharás igualmente, para as crianças de 1 a 5 anos, uma mortalidade de 5,7 % entre os burguezes e 34,5 % entre os trabalhadores.

Em Lauzanne (Suissa), cidade reputada pelas suas boas condições hijienicas, o Dr. Rosenbaum estabeleceu tambem que morriam 5,9 vezes mais crianças pobres do que crianças ricas, de 1 a 5 anos, em igualdade de circunstancias quanto ás restantes condições de vida.

Ezaminamos o que se passa quanto á tuberculoze, doença que por si só constitue em média, um decimo da mortalidade jeral.

Em Lile, cidade operaria por ezcelencia, esta proporção de 10 % sobe logo a 25 %. Em 100 penteadores, 69 são levados pela tuberculoze entre 25 e 35 anos. Quanto aos tipografos da Suissa franceza, dous terços morrem de tuberculoze, por volta dos 35 anos em média, isto é, numa proporção seis vezes mais forte que a burguezia.

Na Beljica, vereis que de 100 tuberculozos, se pertencem á classe abastada, só 9 é que morrem, ao passo que se perdem 58 da classe laborioza; seis vezes mais, nada menos. O conselho federal informou-nos, por outro lado, de que na Suissa succumbem anualmente cerca de 6 mil tuberculozos, sendo 5 mil da classe operaria. Sempre os mesmos dados.

Em suma, se encararmos rapidamente as probabilidades de vida das duas classes, proletaria e burguezia,

veremos que de mil individuos nascidos na mesma época vivem ainda, segundo são ricos ou pobres, os que o quadro seguinte indica :

	De mil ricos	De mil pobres
Aos 5 anos restam	943	665
» 10 » »	938	598
» 20 » »	866	556
» 30 » »	796	485
» 40 » »	655	398
» 50 » »	557	283
» 60 » »	398	162
» 70 » »	235	65
» 80 » »	57	9

Na Beljica, em 100 pessoas falecidas, acham-se 12 ricos, 30 da classe média e 58 pobres. É a duração provavel da vida de uma creança que acaba de nascer num meio pobre será de 18 anos, ao passo que se elevará a 55 anos tratando-se de um recém-nascido rico. Ou mais precisamente. Em Bruxelas, por ezemplo, encontra-se uma mortalidade jeral de 9 por mil na 6.^a divizão (ricos) e de 17 por mil na 1.^a e 2.^a divizões (classe média). Sempre e por toda a parte, a abastança diminue a mortalidade, aumentando a mizeria a mortalidade de uma maneira notavel.

Em Pariz, é claro, dá-o o mesmo. Mortalidade de 10 por mil nos Campos Elizios, de 25 por mil na Villette.

Em Lauzanne, para não pensarmos que o rejime democratico nos pode subtrair às consequencias da economia capitalista que cobre a civilização actual, o sindaco Schuetzler estabeleceu que a mortalidade era de 10 por mil nos bairros ricos de Mornem e de 34 por mil nos bairros pobres do Vallon. E se todos vivessem na abastança, como os cidadãos ricos, se cada um pudesse comer à sua vontade, possuísse roupas suficientes, habitasse apozentos hijienicos e eze cutasse um trabalho harmonico, morreriam anualmente em Lauzanne: 23 pessoas menos no bairro de Vallon; 26, no bairro de Cour; 14, no bairro de Cité; 26, no bairro de Pontaise; 20, no bairro de Halle, etc.

Vê-se, pois, que para uma pequena cidade de provincia, relativamente em bastante boas condições sociaes, contam-se ás centenas, um ano por outro, as vítimas do sistema de « ordem » administrado pela burguezia.

Na *Russia*, a mortalidade média é de 40 por mil. De modo que se nesse paiz tivesse triunfado a revolução de 1905, levando-o a um estado social de civilização média, a sua mortalidade, graças ás obras de publico saneamento, a mais bem-estar e liberdade, ciencia e aussilio mutuo, teria por certo descido a 20 por mil, como é mais ou menos nos paizes onde a classe operaria tem alguns vagos direitos. Seria uma economia anual de 2.500.000 vidas humanas, dous milhõis e meio de pessoas que não morreriam, para as quais seria uma realidade o direito á vida, a propria vida.

Mas não é só da *Russia* que se trata. Ficou entendido: o povo trabalhador, em jeral, na França, na Alemanha, na Italia, na Inglaterra, na Belgica, na Suissa, na America, é ceifado em proporções tres ou quatro vezes mais fortes que a classe improdutiva. Fazendo-se a conta por ano, acha-se com as estatisticas, que na Europa dezapparecem 6 milhõis de pessoas, mortas de fome, de frio, de fadiga, de miseria unicamente. E esses 6 milhõis juntam-se cada ano ao balanço deazastrozo, horrivel do capitalismo, no debito dos defensores da nossa bela sociedade.

Ha revolução, por mais sanguinaria que seja, que chegue jamais a fazer tantas vilimas como o rejime atual?

O nosso estado de barbaria é o assassinato organizado, o homicidio sinistro, calmo, lento, impassivel, inezoravel: o morticinio imenso da multidão anonima do povo que constroi as cazas, que prepara os alimentos, que costura as roupas, e que disso tudo tem só uma parte insufficiente, irrizoria, mortal.

Não ha peor malificenciã que a da ordem burgueza, mantendo sistematicamente tal estado de couzas. A primeira medicina a ezercer é revolucionar a pocilga. E' elevar-se contra a classe detentora, é fazer obra de vida, é querer o fim da carnificina economica, é ezijir o respeito á vida.

Sim, os revolucionarios defendem a vida: é esta a sua unica preocupação. Vão direitos ao grande remedio,

tempos, uma diaria razoavel, um aussilio, por desemprego, por molestia, por grêve, é ter, simplesmente, conciencia burgueza, é não comprehender a solidariedade. E', digamos assim, dar um para receber dez em pouco tempo. Dinheiro posto a juros...

A solidariedade bem comprehendida, manifesta-se pelo o aussilio mutuo e vai ás subscripções voluntarias, move-se, resolve a crize de desemprego e de molestia dos companheiros.

O cofre de rezistencia sindical, quando muito poderá dar aussilio, mas é preciso não esperar que ele pague diarias integrais como faz o patronato, visto como os mingados cofres a que nos referimos não podem ter a pretensão de compelir com os cofres burguezes. Não esperemos a vitoria pela paga. A solidariedade pura e simples dos operarios é mais eficaz e os conduz mais facilmente á completa satisfação dos seus dezejós, em detrimento dos interesses e dezejós dos patrões.

Ainda uma vez diremos: é preciso vencer o egoismo acanhado, brutal, negação da solidariedade que se manifesta continuamente entre os trabalhadores. Substituamol-o antes pela fôrma humanissima do egoismo social.



As associações hierarquizadas ou de força são a negação do espirito de luta

Quando se forma um sindicato é preciso imediatamente, para fortalecel-o o mais possível, e dar aos seus aderentes um sãõ espirito de luta, praticar da maneira mais livre os principios do sindicalismo revolucionario.

Do que está feito quazi nada nos serve. Na pratica, por ezemplo, seria um erro que imitassemos a constituição *das antigas associações chamadas de rezistencia*, que nada mais são que forças retrogradadas e conservadoras, feitas mais para servir os interesses de uma parte de trabalhadores, a que já está melhor aquinhoada, do que para servir e beneficiar a coletividade.

Os sindicatos modernos devem fugir a todos os arremedos do que é antigo e, por consequencia, condenado *pela ezperiencia*. Desde os estatutos até os meios de ação, tudo, emfim, tem de ser feito de forma a não dar logar a grosseiros sofismas. A clareza, a precizão e o zelo devem tomar logar preponderante.

Para entrarmos na apreciação das nefastas organizações hierarquizadas, precisamos antes, se bem que ligeiramente, tratar de estatutos, dando aos leitores um modelo que nos parece logico. E isso o fazemos porque sentimos bem que os estatutos porque se rejeita as associações atuais não são pactos livres acordos mutuos entre os interessados. Representam, antes, a nosso vêr, a vontade

1.º — Os fins do sindicato devem ser: a) immediatos; o melhoramento das condições presentes, a *propaganda associativa*, a *educação*; b) a *emancipação integral* dos trabalhadores.

2.º — A não participação do sindicato na luta dum partido politico.

3.º — A não admissão de patrões, e, pelo menos a exclusão da administração dos que têm compromissos com os patrões, sendo seus empregados de confiança, como os mestres e contra-mestres; exclusão rigorosa, igualmente de politicos profissionais. Só poderão fazer parte do sindicato *os salarizados, enquanto exercerem o seu officio, salvo o caso de desocupação forçada.*

4.º — Uma administração reduzida á sua mais simples expressão: um secretario (ou mais se o exigir o serviço) e um thezoureiro, quando muito alguns conselheiros e revisores de contas. Estas funções são puramente administrativas e directivas; trata-se de um serviço, dum trabalho a executar, segundo o encargo dado e aceito e escrupulosamente cumprido. Estes funcionarios não mandam, mas *trabalham*; não impõem idéas ou vontades proprias, mas executam rezoluções tomadas.

Devem ser substituidos com frequencia, não só porque estas funções são um encargo e não uma honra ou um privilegio, mas também porque contribuem para a educação dos operarios. Havendo absoluta necessidade de funcionarios pagos, permanentes, devem estes receber um salario não superior ao que tinham como operarios, devendo, naturalmente, todas as despesas de propaganda, organização e administração ficar a cargo do sindicato ou federação de sindicatos. Não havendo necessidade e podendo *o serviço ser bem assegurado por voluntarios, podem pagar-se os dias de trabalho perdidos por cauza da associação.*

A estes pontos podem juntar-se outros, que variam segundo as circunstancias: instituição de bibliotecas, de escolas, de obras de propaganda, etc. >

As normas acima transcritas podem ser comparadas com os estatutos volumozos, inezpressivos, bazeados na autoridade dos directores, velharia hoje insuportavel entre homens livres e concientes? Certo que não.

A tendencia, hoje, não é mais « legislar » despoticamente entre operarios. É por isso que os sindicalistas revolucionarios têm em vista simplificar o mais possivel seus estatutos, reduzindo-os a pouco artigos, os essenciaes para ser compreendida a essencia do sindicato, ou sejam os processos de libertação humana que repelem tiranias venham elas de onde vierem.

Se nos rebelamos contra a tirania patronal, com todos os seus desmandos, pezando nefastamente sobre nossas vidas, na fabrica, na officina; se, além dessa autoridade pernicioza temos, ainda mais perto de nós o mando bestial dos mestres e contra-mestres, delegados do patronato, e na jeneralidade, jente que não possui sentimento de justiça, mal educada, incapaz de influir moralmente na nossa vida; se, fóra da fabrica e da officina estamos quazi em contato com a autoridade do Estado, que nos oprime com as suas leis coercitivas o que é opôr-se ao desenvolvimento da nossa liberdade, para que ao constituirmos as associações para a defeza de nossos interesses nos havemos de lembrar de investir um dos nossos de poderes discricionarios, afim de manter, em organismos que devem sempre ensaiar a liberdade de que carecemos, um principio detestavel que só nos pode prejudicar?

Não é pelo longo habito (talvez o maior fator de educação segundo seja ele aplicado) de subserviencia, de passiva obediencia aos preconceitos politicos, religiozos e economicos que os operarios se tornam conservadores da ordem burgueza e, consequentemente inimigos de si proprios e dos componentes de sua classe, negando-se á solidariedade quando os patrões lhes acenam com um bem-estar, mesmo mentirozo, para deles se servirem como instrumentos? Para que mais autoridade nas nossas organizações quando, a cada passo, esbarramos com obstaculos que se opõem á nossa ancia de liberdade?

Acertados andaríamos se procurassemos praticar a diluição de toda a autoridade, quer patronal, quer governamental, quer ainda nas nossas organizações. Só a constante preocupação de tornar efetivos os livres pactos de solidariedade em luta ostensiva e clara pela liberdade, mas liberdade bem compreendida, dará um resultado satisfatorio. A

prio, por não haver quem ouze ter opiniões, eziste a sua que, certa ou errada, prevalece. Se as couzas nem sempre se passam deste modo, em todo o cazo, como as assembleas jeralmente não têm um «querer seguro», embora se manifeste alguém conciente e certo na rezolução de um assunto, o prezidente, manejaudo o cajado, faz votar o erro e a mentira em detrimento do raciocinio e da verdade.

Os prezidentes devem ter em vista que o seu erro é perniciozo. Quem quer ou prezume ser livre, quem quer, de fato, emancipar a si proprio e os homens e fazer com com isso obra util deve pôr de parte toda a veleidade de mando, toda e qualquer parcela de autoridade.

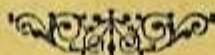
Procurar tornar concientes dos seus deveres e direitos os que o cercam e o ouvem para que depois façam por si próprios o que as circumstancias os impilam a fazer, isso é que é humano.

O contrario não é educar e emancipar; é conservar a inconciencia para gozo de vaidades doentias ou de interesses pouco dignos.

A escola da liberdade não é a obediencia, como diz Loke no seu livro sobre educação. A obediencia jamais libertou, ao contrario é favoravel á contração de habitos de servilismo, amesquinha e anula a individualidade.

Comquanto reconheçamos que ha prezidentes laboriozos, de boa fé e bem intencionados, é precizo evitar o erro do prezidencialismo, adoptando as commissões eze-cutivas, mais amplas, mais libertas e sobretudo menos nocivas por não enfeixarem nas mãos a menor parcela de mando.

As sociedades jerarquizadas caem na idolatria. E nós devemos ser iconoclastas.



Do sindicato á confederação

A autonomia do individuo no sindicato, do sindicato na federação e da federação na confederação

A idéa pregada nas organizações de um vasto federalismo economico, bem como a da greve jeral revolucionaria, contem em si a essencia do socialismo e dão bem claramente a entender o que será a estrutura dos formidaveis nucleos de trabalhadores, hoje em elaboração e o seu papel num futuro não muito lonjinho.

Mas, sobretudo, como ponto de partida, o federalismo é importantissimo. Não diremos que tivesse saído do sindicalismo esse federalismo, mas podemos afirmar que ele, evoluindo, aperfeiçoou, conforme as necessidades da luta economica e a mentalidade dos seus componentes, uma tão admiravel concepção.

O federalismo de que se fala nada mais é que organização para a coezão dos elementos, hoje dispersos, que constituem os nucleos de trabalhadores espalhados pelo mundo, para substituir o rejime capitalista por um sistema economico que garanta á humanidade o massimo de bem-estar.

Assim, pozitivamente federalista, o organismo confederal é o ultimo gráo da escala associativa rejional ou nacional até ir ao internacionalismo. Partindo, pois, da

baze — sindicato — fôrma primaria, passa á federação de sindicatos, aglomerados de sindicatos, pará ir ter ao conjunto de federações e uniões de sindicatos, que formam, por ultimo, a confederação.

Se nos organismos anteriores já a autonomia é um fato, na confederação, á qual aderem livremente esses organismos, tambem é uma realidade. Dentro dela, sem pêsas, movem-se livremente as federações e uniões de sindicatos; os sindicatos aderidos ás federações e uniões gozam da mesma liberdade e, por fim, os trabalhadores componentes dos sindicatos tambem não encontram nessa massima organização quem lhes tolha a autonomia.

É, pois, a concatenação lojica, consecuencia das necessidades e interesses e da mente evoluida dos trabalhadores que impressionam o organismo federativo.

Agrupando todos os elementos de ação reivindicadora, claro está que a confederação não podia deixar de ser um aparelho eminentemente coordenador e propulsor dessas energias do proletariado, afim de aplical-as ao *exercicio das grandes batalhas sociais*

Entretanto, julga-se entre nós, muito inconcientemente, que um organismo tal como a União Jeral dos Trabalhadores, manda, dirige, impõe e tiraniza. . . Diz-se até (e isto parece incrivel no nosso tempo) que a adeção a esse organismo implica a abdicação de vontades por parte dos aderentes para dar lugar a que só o comité da União delibere. Assim a União deliberaria um movimento em grande escala e todos, todos os seus aderentes teriam que seguir, sem tujir nem mujir a voz de comando do seu comité, embora errada fosse essa deliberação. É o cumulo!

Esse erro, porém, parte da falsa concepção (fruto da ignorancia e da falta de habitos associativos) de admitir que o federalismo economico ou operario (digamos assim) possa ter afinidades ou pontos de contato com o federalismo democratico burguez. Outro cumulo do absurdo e da incompreensão.

O federalismo, que é para nós o meio de coordenar e manter coezas as forças proletarias para que em seu seio se difundam e irradiem as idéas de transformação social, afim de as tornar aptas a dirigirem a produção, e fazerem,

está visto, dentro das normas do acordo e do auxílio mútuo a regularização do consumo social, não centraliza poder algum, não detém parcela alguma de autoridade, pois que exerce funções administrativas, e não de mando. Executa vontades e é quanto basta. O contrario se dá com o federalismo democratico centralizado: manda o presidente, mandam os presidentes, governadores e outras autoridades das unidades da federação (daí os conflitos de jurisdição), de forma que as funções de mando hierarchizado viciam e deturpam por completo a autonomia individual e coletiva das massas, porque sobre elas refletem grandemente. De resto, o federalismo democratico não tem por função emancipar. Ao contrario. Manifesta a sua ação oprimindo, submetendo a maioria ao poder das minorias dirigentes.

Além disso — e é preciso frisar bem — o federalismo economico, que é uma concepção grandioza comparado ao mesquinho federalismo burguez, não legisla, não possui forças executivas nem dogmas autoritarios ou de qualquer outra especie para impôr vontades autocraticas. Espera da cooperação das forças conscientes o cumprimento voluntario dos deveres inherentes á especie e tem de deveres e direitos uma compreensão bastante elevada e, ainda mais, longe de diminuir as forças do organismo federativo, aumenta-lhe o poder, solidariza as partes componentes do todo e forma o « traço de união entre os sindicatos e federações espalhados pelo territorio, dando-lhe uma util unidade de tendencias e prepara a unidade de ação para a luta ».

Sendo o acordo para a luta — a associação para a vida — o principio por que se deve guiar a humanidade é preciso compreender igualmente, como diz Pouget que, uma vez que a « sociedade é a soma dos individuos que a constituem e que e la não tem vida propria fóra deles, é absurdo, por consequência, procurar uma felicidade social fóra da felicidade individual dos seres humanos que compõem a sociedade ».

Eis porque o federalismo, tendo por principio o sindicato, que é a agrupação de individuos que não querem ficar izolados no meio corrupto e opressor que atenta contra os seus interesses, procura ampliar o seu raio de ação, procurando que o sindicato não caia no erro de

As tendencias do sindicato. Sua finalidade

Passado que foi o grande logro da Revolução Franceza que derribára o feudalismo, dando nacimiento á sociedade vijente, da qual é «brilhante ornamento» essa burguezia capitalista e dirijente que ahi vemos, o operariado europeu, mais tarde imitado pelo americano, entrou em nova faze de ação, mais liberta, aproveitando, verdade seja dita, as idéas assimiladas dos precursores daquele movimento revolucionario, que o foram tambem (muitos deles) precursores da então nascente escola socialista, surjida não só das necessidades economicas da época, mas ainda da interpretação que filozofos e pensadores souberam dar ás aspiraçõis instintivas de revolta das massas populares.

A Revolução Franceza, que devia ter sido social, indo ás ultimas consequencias, como diz J. Prat, foi apenas politica. É por não ter atinjido essas ultimas consequencias que seriam a ezpropriação total da classe dirijente na época e a queda imediata dos privilejios, transformou-se em burla. Comtudo, a ancia de libertação, permaneceu latente nas multidõis, que, daí por diante, não mais deixaram de ezercer, ora timoratas, ora enerjicas, funcõis que lhes ditavam os principios idealistas dos inovadores.

As escolas socialistas, creando novos metodos de ação, levaram as massas, pela ezperiencia, á atuação em prol dos seus direitos, ora morosa, ora rapida.

Seria longo e fastidioso enumerar as modalidades, tendencias e ação dessas escolas. Basta constatar a sua

propagação e benéfica infiltração no seio das massas trabalhadoras, a principio, e, mais tarde as deturpações que sofreu e as formidáveis polemicas a que têm dado lugar. É como tudo nesta vil sociedade é suscetível de ser deturpado, o foram também os principios socialistas, para a época bastante adiantados. As polemicas, então, tiveram a grande vantagem de pôr a nú as incoerencias, as torpes velhacarias de certos demagogos doutrinarios falsamente intitulados sociaes-democratas ou socialistas de Estado e outras especies interessantes da vasta fauna ezolica da politica cabotina. Entretanto a Internacional dos Trabalhadores marcou uma era nova para sempre lembrada na historia do movimento proletario. Dai por diante se foi robustecendo a corrente associativa e aos poucos se consolidando, até que, difundida com ardor, se tornou o ponto de partida de todas as aspirações proletarias, chegando ao claro metodo de ação, ezcelente vehiculo do anarquismo, a que se deu o nome de sindicalismo revolucionario.

O sindicalismo, de fato, (e nunca será demaziado dizer) é a sintheze de todas as aspirações do momento, visto como, sendo um meio, conduz, quando revolucionario, honesto e rigoroso, á finalidade colimada — conquistas radicaes e positivas, transformação social fóra das reformas sucessivas de legislação ³atrabiliaria, manhoza e obsecadora promete e enjendra sempre de má vontade.

Oferecendo, pelas suas dispozições liberaes a grande vantagem de poder agrupar os individuos sem levar em conta as suas idéas, os seus credos políticos e filozoficos (ou relijiozos) — porque os interesses economicos de que trata o sindicato sobrepujam os outros interesses e se transformam em interesses de mais valia — a aproxima-os de elementos avançados que lhe facilitarão a revolta contra a classe opressora.

Assim, o novo sistema associativo defende nos agrupamentos a sua ação clara e definida: caminha para a completa emancipação dos trabalhadores, suprimindo o patronato e consequentemente o salariato, e atuando, como já ezpuzemos, pela ação direta até a grêve jeral ezpropriadora, ultima consecuencia das reivindicações — a

queda dos privilejios, a eztição do Estado, da propriedade privada — o advento da sociedade futura.

Fazendo irradiar a sua propaganda entre os trabalhadores tornando-se o centro fecundo de atividades e iniciativas, o sindicalismo prepara e accelera a evolução da mentalidade operaria fazendo-se a escola que a emancipará dos prejuizos economicos, politicos e relijiozos por meio da educação revolucionaria.

Procura, portanto, evitar que o operariado adira aos partidos politicos e caia no aburguezamento das lutas eleitorais do socialismo pequeno burguez, um socialismo deturpado, que, á força de querer apoderar-se dos poderes publicos dejenerou em agrupamento tranziente de lacaios, lambe-botas de burguezes, que priva e comunga idéas burguezas, que recebe favores burguezes, que vive, emfim, influenciado por burguezes, e, por conseguinte ha muito que atraiçoa a cauza dos proletarios, traindo e adulterando os principios dos mestres.

Desde que o socialismo não tem outros idéais que ocupar os postos de mando, as cadeiras do parlamento, « para daí atirar por terra a burguezia », como dizem, sem atuação revolucionaria, não pode mais aspirar « a revolucionar o mundo, pondo termo á ezploração do homem pelo homem, e, portanto, a ação parlamentar de nada servirá á consecução d'este fim sacrosanto », disseram nos seus considerandos os dissidentes socialistas num Congresso de Amsterdam. O sindicalismo, bazeado na ezperiencia dos fatos, adotou então a tatica de combater todas as tendencias partidarias que no seu seio viessem distrahir os trabalhadores das suas justas reivindicaçõis, roubando-lhes as forças, entuziasmado-os por uma ordem de couzas grandemente prejudicial e procura robustecer a sua ação continua e fecunda com um ideal, sem duvida mais humano e nobre, do que estacar diante das melhorias imediatas, como fim ezcluzivo que durante muito tempo lhe deram os que fizeram « bastar-se a si mesmo », estreitando-lhe com isso a larga vizão e acelerando-lhe a falencia com mesquinhas questõis limitadas ao estomago e a manejos eleitorais. Fins imediatos sim! Mas os indispensaveis para obter satisfação de necessidades que assegurem a vida.

Oblidos estes, resta ampliar a sua ação para mais nobres conquistas, para o aperfeiçoamento moral.

Quando se diz que o sindicato é um campo neutral, é claro que não se quer significar com isso que ele é alheio às lutas políticas no sentido da inação.

*Suporta, combatendo com denodo, as ferozes contingências da política burguesa e, não se filiando a nenhuma das fações que se degladiam em busca dos poderes públicos, porque não quer ser conivente com o roubo legalizado, *exerce o direito que creou, de desbaratar, mediante a ação conjunta de seus componentes, toda e qualquer agrupação ou corrilho que vize o mando.* Isso é a consequência lógica das grandes decepções dos trabalhadores que, afinal vão compreendendo que têm sido vítimas das maiores explorações e esgarças.

Reconhecendo que, *« assim como a teocracia foi a expressão política da classe sacerdotal, na opinião de J. Prat, quando esta era a única detentora de todas as riquezas, assim como a monarquia absoluta dos interesses da classe autocrata, que sucedeu à classe autocrata e com ela compartilhou aquela detenção de riquezas — assim também a democracia é a expressão política dos interesses económicos da burguesia que conseguiu derribar as instituições ético-jurídicas do clero e da nobreza, que, ao apoderar-se da direção da sociedade, foi criando as suas próprias e adequadas instituições democráticas, jurídicas e políticas tal como funcionam atualmente, permitindo-lhes efectuar a exploração do trabalho operário e reter as riquezas que este trabalho produz »*, o sindicalismo concluiu ser grande crime não hostilizar as instituições videntes consentindo que impudentemente essa mesma democracia continuasse na sua secular mentira a retardar as aspirações das multidões com suas promessas falazes, as suas *« reformas sociais »* — ludibrio vergonhoso à classe trabalhadora.

Detestando as formas políticas burguesas nas quais inclui a social-democracia, que, por um decreto, quer tornar coletiva a propriedade, administrá-la e dividá-la; condenando, por sedições, rotineiras e vis as instituições viden-

tes, o sindicalismo, preparando o advento da anarquia, declarou-lhes guerra de morte, voltando contra elas todas as armas de que possa dispôr. Sem essa luta destruidora o sindicalismo seria uma doutrina acomodaticia, pernicioza, que, consumindo as energias proletarias simplesmente em *obter melhores materiais imediatas, conservaria o egoismo de classe e o seu trabalho seria improficuo para a emancipação dos trabalhadores. Essa emancipação economica e moral, que depende ezcluzivamente do ezercicio das forças proletarias contra a organização do Estado, ficaria sêriamente comprometida.*

A que grão de estreiteza e cobardia desceria esse sindicalismo se não dirijisse seus rudes golpes contra os falsos principios de autoridade e de lei sintelizados no Estado, eztrezado defensor da propriedade privada?

Acabaria, por certo, tão inutil e depauperado que, como um mendigo andrajozo, com o raio de ação limitado, iria jemer queixumes, rezignado, na quimerica e infundavel esperança das reformas, pingados da legislação burgueza, como aviltante esmola, em torno do parlamento onde a jente farta do poder zomba da miseria do povo.

Ainda não se convenceram os trabalhadores que o Estado (governo) é a maquina infernal manejada com requintes de malvadez pela canalha grauda?

Não estão ahi claras os multiplos desmandos do Estado, as suas influencias maleficas que provam que ele é a cauza da decadencia e escravidão dos povos, a fonte perene de sofrimentos, de dezorganização social, inimigo do *dezevolvimento humano?*

A época que atravessamos é cada vez mais favoravel a que apressemos a sua queda, agredindo-o, enfraquecendo-o dia a dia. É isso que pretende a escola mais avançada do socialismo — o anarquismo, de que o sindicalismo de largas vistas se fez o vehiculo seguro, o precursor inegualavel. Mas, é claro, não será teoricamente que se fará guerra a esse monstro, analizando e comentando a sua nefasta influencia. É atuando no sentido de diminuir-lhe o poderio atacando os que o defendem, diminuir-lhe o poderio, atacando os que o defendem, diminuindo-lhes os privilejios, arrancando-lhes das mãos o poder

discrecionario, opondo á sua força as forças organizadas e concientes para onde devem converjir os esforços dos trabalhadores.

Nada de injenuidade, nada de esperanças vãs de que a matula que manda possa influir nos nossos destinos. Procuremos dar força e ezpansão ás nossas idéas dissiminando-as entre as massas. Disso nos advirão os resultados que almejamos.

É tão grande o desenvolvimento social, são tão vehementes as provas de que o Estado tende a cair que, mesmo entre homens da classe burgueza, politicos e intellectuais, nada suspeitos de radicalismo socialistas, ha quem lhe faça critica enerjica e demolidora, o que prova o grão de desmoralização a que atinjira.

Alfredo Calderon, conhecido republicano hespanhol, disse o que se segue, com flagrante verdade, que nada fica a dezejar a critica dos mais radicais teóricos do anarquismo.

• O Estado mata. É homicida, é assassino. Mata com premeditação, com aleivozia, com ferocidade. Mata sem paixão, sem obsecação, sem arrebatamento — por conveniencia, por egoismo, por calculo. Mata com escandalo, em publico, jatando-se disso.

O Estado rouba. Gasta sem conta nem medida, e, para pagar as suas dividas, enterra as mãos nos bolsos dos contribuintes. E se o dinheiro alheio não basta para satisfazer essas dividas, não as paga... e de nada quer saber. Perpetua periodicamente quebras fraudulentas. Vive á grande, á custa alheia. Arruina a nação, conciente, deliberadamente, com o sorrizo nos labios.

O Estado joga. É empresario, é banqueiro, é «croupier», é aliciador. Sustenta uma grande banca nacional, de onde tira não pouco proveito. Joga com vantajem, assegurando os ganhos. É o mais curiozo é que só ele quer ter o monopolio do jogo, do homicidio, da rapina. Só ele pode fazer o que proibe aos particulares. Quer o monopolio desses crimes. Não admite concorrência.

O Estado folga. A ociozidade, mãe de todos os vicios, é sua predileta. Oferece á preguiça o holocausto do tempo. A sua vida é um bocejo. Entre santos

mente, os patrões, desde que dispõem de poderio, burlam as leis, que, insuficientes como são para garantir o direito do trabalhador, têm contribuído para dezacreditar o parlamentarismo aos olhos do povo.

Os sindicalistas revolucionarios fazem, pois, viva opposição a todos os projetos de lei operaria e, entre eles os que regulamentam as grêves e a arbitragem obrigatoria. A forte opposição a essas leis, mais do que a outras, se justifica pela importancia imediata da sua nocividade. As criticas a esse respeito formuladas aussiliam a comprehensão do anti-estatismo dos sindicalistas revolucionarios. O « comitê » confederal das Bolsas do Trabalho da França escreveu o seguinte: « Com a instituição de prazos, moratorias, votos, regulamentações e penalidades, contra os infratores destas regulamentações arbitrarías, os autores deste projeto julgam tolher a iniciativa da minoria intelijente que assusta o patronato, do qual todo o governo, seja de que partido fôr, se arroga a incondicional defeza, pois que é ele a sua razão de ser. Não ignoram que o abuzo de reflexão e da regulamentação estereliza a ação e que parlamentarizando as greves aniquilam o espirito de revolta lejitima que as anima. »

Em primeiro lugar o projeto de lei começa por impôr toda uma serie de medidas preventivas precedendo a grêve: assim, uma comissão arbitral, que pôde ser formada quatro dias depois das primeiras dificuldades, tem seis dias para deliberar. Ora, durante estes dias pode o patrão ultimar encomendas urgentes, suspender operações a longo prazo, impedir que certas materias primas se deteriorem, recrutar pessoal novo, influenciar os operarios menos rezolutos e chamar emfim a tropa para guardar a fabrica.

Em segundo lugar o assalariado deve votar pró ou contra a grêve e renovar o voto de sete em sete dias, mecanismo parlamentar mal adoptado á grêve, que é um movimento de massas, um jesto de revolta coletiva, de guerra social. Nos « comités » eleitorais formados em substituição dos « comités » de grêve, os palradores, agentes do patrão, facilmente agrupariam a maioria timida, e os « meneurs » que « dirijem mais pela ação do que pela palavra », os operarios mais concientes e dezinteressados tornar-se-iam impotentes.

Ao passo que o voto publico de braços levantados é nas assembleas um voto em comum exprimindo a vontade coletiva da massa e provocando o entusiasmo, o voto individual prescrito pelo projeto de lei ha de destruir o sentimento de solidariedade indispensavel ao ezito : só em face do seu interesse pessoal, o volante mostrar-se-á mais egoista e puzilanime, cedendo mais facilmente á pressão secreta do patrão. « É a luta eleitoral com todos os seus vicios. O vinho e a corrupção venal desempenharão o seu papel lejítimo. »

Depois a arbitragem seria incapaz de rezolver os conflitos de interesses que « são questões de força, que só a força pode moralmente rezolver ». Os operarios quando submetem a sua cauza ás decizões arbitrais que não têm nunca motivos para ficarem satisfeitos, pois que os burguezes que os representam, ou são incompetentes ou os traem. Segundo o projeto de lei, a arbitragem seria confiada aos Conselhos do Trabalho ou ao Conselho Superior de Trabalho, como recentemente se quiz fazer entre nós, instituições essas que os sindicalistas revolucionarios repelem porque, favorecendo o encontro amigavel de patrões e operarios, o que pretendem é realizar a « paz social » em vez de afirmar a luta de classes, pois que é irreduzível o antagonismo entre operarios e patrões.

Os sindicalistas revolucionarios criticam e se opõem, como dissemos, á legislação chamada operaria. Ha na França um projeto de lei que estabelece reformas operarias bazeadas na capitalização das quantias reclamadas aos patrões e operarios. Essa lei é um meio indireto de que o Estado se ha de servir para aumentar os seus recursos financeiros. Os trabalhadores arriscavam-se a ser viltimas de uma vasta « escroquerie ». As minuciozas criticas das leis operarias votadas ou simplesmente propostas, segundo os sindicalistas revolucionarios, evidenciam este principio essencial : que a classe operaria nada tem a esperar da proteção do Estado que é o defensor da classe patronal e da oligarquia financeira governante. O que a classe operaria quer é arrancar ao Estado — ou dizendo melhor — ao governo, a maior soma de liberdade pela ação direta e enfraquecer-lhe com isso o poder.

Pretende-se identificar o Estado á nação fazendo-o participar da idéa de patria. Entretanto, um e outro, no actual momento social são a mesma couza — o aparelho governamental opressor dos povos.

Os sindicalistas revolucionarios, integrados já no anarquismo, do qual receberam a influencia directa, repudiam as tutelas e repelem a idéa de nação, como repelem a idéa de Estado ou governo. O seu anti-estatismo está estreitamente ligado ao anti-patriotismo.

Os sindicalistas revolucionarios reivindicam, agravando-a, a formula de Marx: « Os proletarios não têm patria ». Trata-se do pequeno torrão onde se viu a luz? da terra natal? O operario, mal chega á adolescencia é forçado a deixal-a em busca de trabalho para poder viver e lá vae de terra em terra, instalando-se onde lhe alugam os braços. « A patria do operario é onde ele encontra trabalho e salario ». Mas nós acrecentamos que a patria do trabalhador só coezistirá com a igualdade economica, a liberdade de fato, o bem-estar completo, a socialização da terra, da maquinaria e utensilios de trabalho.

Fala-se do solo nacional, das riquezas nacionais, de onde se conclue que a idéa de patria anda intimamente ligada á idéa de propriedade: « O patriotismo só se justifica para todos os patriotas indistintamente, com uma parte do ter social, e nada ha mais absurdo, que um patriota sem patrimonio ». Ora, o proletariado como nada possui, não participa de maneira alguma do patrimonio nacional pois este está nas mãos de uma minoria usurpadora e até em mãos de não nacionais, de estrangeiros que ezploram vilmente homens de todos os paizes, incluindo os seus compatriotas.

Trata-se da patria considerada como um conjunto de tradições inteletuais e sentimentais? O proletariado, occupado em ganhar a vida, não tem vagar nem meios para assimilar a cultura rezervada ao rico. O que lhe dão na escola primaria é o eztritamente necessario a tornal-o escravo dos dirijentes, infiltrando-lhe no cerebro idéas preconcebidas: os pobres têm de sujeitar-se á direcção patronal e governamental para não morrerem á fome... a situação miseravel é ezclusivamente devida a sua imprevidencia e

A disciplina da caserna é a tirania ainda mais requintada, mais nociva. A lei militar impõe, sob pressão de duros e vexatórios castigos a submissão do soldado aos oficiais e sarjentos, como na estúpida escala social as instituições impõem a submissão completa à lei civil, aos patrões e aos contra-mestres, com a agravante que a lei militar anula mais depressa a individualidade, reduzindo-o a simples máquina de obedecer a toques de corneta e rufos de tambor.

Devem os proletários arriscar a vida para guardarem a propriedade dos capitalistas? É lógico que não. Mas a inconsciência proletária é ainda tamanha que difícil se torna convencer os trabalhadores de que nas guerras, representam o sinistro papel de algozes dos seus próprios camaradas.

No dia em que se declara uma guerra o que os operários têm a fazer é declarar também a greve geral revolucionária, dificultando a mobilização, incitando os soldados a que façam a greve militar. Entretanto tal não sucedeu ao estalar a guerra atual. Isso prova que com a inconsciência operária contava ainda o Estado. É a classe operária crê ainda nos benefícios do Estado, que ostentivamente lhe extorque os maiores impostos para com o dinheiro recebido pagar burocratas, jornalistas e agalôados, emfim todos quantos têm a seu cargo a manutenção do domínio das dirigentes, de quem depende a paz ou a guerra, segundo os seus apetites e interesses!

Aprofundando bem as causas da atual guerra, parece que ela foi açulado, antes que evitada, para diminuir a superpopulação dos descontentes, dos que, duramente tratados pelo capitalismo viam-se na continjencia de revoltas contínuas... É de supôr que fossem levados à carnificina alguns milhares dos que iam tornando cada vez mais um serio perigo para a fortuna burgueza...

Os sindicalistas revolucionários têm em vista despertar e alargar, cada vez mais, o âmbito da propaganda antimilitarista, embora isso seja difícil de realizar, pois que a essa propaganda se opõe a própria classe trabalhadora, que se oferece voluntariamente a servir de instrumento maleável nas mãos dos governantes. A religião patriótica,

tão nociva quanto às outras, encontra ainda em milhares de trabalhadores crentes fervorosos...

Além do mais é evidente que nos ultimos tempos, desde que o industrialismo vem produzindo na classe operaria os mais terriveis efeitos levando-a a reagir quazi que continuamente, se bem que sem uma nitida compreensão revolucionaria, o ezercito desempenha mais a função de policia que de defensor da chamada integridade nacional, isto é — o ezercito, composto de proletarios defende o patrão contra o operario. É eis que aos nossos olhos rezulta: «A patria aparece-nos como o conjunto de todas as miserias e opressões, sob as formas de patrão, contra-mestre, juiz, policia, soldado e carcereiro.»

Assim que a grêve se inicia, o patrão, com quem o Estado é incondicionalmente solidario, comunica aos dirigentes esse fato e desde logo se aparelham as forças para guardar a fabrica ou a officina. Está ahi evidente a parcialidade criminoza do Estado. A parte mais util da sociedade, sem cuja alividade o progresso não eziste, a quem se promete direitos de igualdade perante a lei, subordinada à outra parte, uma minoria parazitazia em cujas mãos, além de tudo, deixa ficar a maior parte do produto do seu trabalho. «Os burguezes que «dirijem» põem o ezercito à disposição dos burguezes que dijerem» — disse com chiste o secretario da Federação dos Cabeleireiros de França. Além de substituirem os operarios em grêve, o que já é fital-o de suas funções, o ezercito «os trabalhadores de calção vermelho» e outras corporações militarizadas massacram dezapiedadamente os trabalhadores de bluzas, forçando-os a voltar ao trabalho nas condições impostas pelo patronato, condições essas vexatorias e que são a negação do mais rudimentar direito à liberdade e à vida.

O sindicalismo revolucionario, ativando a propaganda contra a cazerna, mas dentro dela, conseguira tornar a mocidade anti-militarista, diz Grifuelhes, e tornar-nos, assim, simpalicos às baionetas de amanhã».

O metodo sindicalista revolucionario, hostilizando o Estado, hostiliza tambem certas formas do Socialismo que tornam ambigvas as nações do patria e militarismo.

produzindo-lhe profunda lezão na sentimentalidade e no raciocínio. É, por certo, não os emanciparão desses prejuizos nocivos os revolucionarios de hoje se não soubèrem fazer valer, paralelamente á educação revolucionaria os principios inconfundiveis da educação racional que rezume em si a moral da natureza, subltme escopo, razão de ser da vida:

«Essa moral—escreveu Deshumbert—é a ciencia que tem por objeto todos os meios de aumentar e conservar a vida, sob todas as suas formas—vida fizica, vida intelectual, vida estetica—e de realizar desse modo o pleno desenvolvimento de todo o ser.

Veremos que esse desenvolvimento não pôde realizar-se senão pela cooperação, pelo aussilio mutuo, pela união.

O amor da vida, força maravilhoza de vitorias certas é a melhor couza que nos podem ensinar. Quazi todos temem a morte, mas muitos raros os que amam verdadeiramente a vida. Amal-a, não é ser avaro dela, pelo contrario. Ninguem está mais preparado para morrer alegremente do que aqueles que sendo necessarios e uteis, têm adorado a vida pelo belo uzo que dela fazem. É amar a vida, sacrificar-a para salvar um filho que a continuará; é amar a vida dal-a pela gloria da raça na qual ela se perpetua. Amar a vida é rezistir pela razão e pela enerjia aos prazeres que a atacam, opôr ás doenças, ás paixõis perigozas, ás más tendencias, uma vontade mais forte do que elas; amar a vida é não se deixar dominar pelo gosto estúpido e funesto que prefere sentir a durar; é ter orgulho na conservação total do seu ser e recuzar os prazeres passageiros, os sonhos doentios, os ezcessos nervozos que duram um momento e rapidamente dezagregam a dignidade; amar a vida é caminhar com os olhos fitos no futuro, e não fazer concessõis cobardes ao inimigo ».

Parece que aqui está a apolojia do sindicalismo — escola pratica do anarquismo. O sindicalismo é vida. Mas vida pratica. Vive nas organizaçõis, intensifica-se nos agrupamentos operarios, desdobra-se, avoluma-se com a ação dos concientes.

Subindo gradativamente em busca da realização da sua idealojia, apesar dos perigos que muitas vezes oferece

(que nada mais são que a falsa interpretação que lhe dão os trabalhadores) segundo a maneira porque se encarem os seus principios, ele será um inestimavel agente de rebel-dia e emancipação ou dejenerará em agrupamentos semi-mortos, sem prestijio e sem realidade, condenados fatalmente ao desaparecimento sem deixar sequer a leve recordação de um ato digno.

Necessidade de uma época, esse metodo de luta operaria, conquanto tenha despertado entre nós e além-mar grandes contraversias, não faliu, nem morreu.

Houve nesse sentido uma perturbação na intelligencia dos trabalhadores, que foram vitimas de uma sugestão. Levado vivo á sepultura por alguns homens que descreram das suas inconciveis vantajens, sem que tivessem posto em prática os seus beneficos principios em toda a sua plenitude o sindicalismo dezenterra-se, alça a cabeça e espera, bem vivo e bem são, que se lhe compreenda a grandeza e os fins.

Congregando as forças despersivas do proletariado que ezistem, de fato latentes, o sindicalismo, melhor que nenhum outro metodo de luta operaria conseguirá constituir em bloco essas forças, mas bloco o mais possivel homojenio, o mais possivel conciente e forte para dessa homojeneidade, dessa consciencia e dessa fortaleza somadas, fazer surgir, por um grande choque na sociedade velha e sociedade nova.

Foi por ele e dentro das organizações que se difundiram entre os trabalhadores as idéas mais libertas de emancipação; por elle se conseguiu apreciar a capacidade revolucionaria do proletariado; que é o grâometro para avaliar e aquilatar do valor da ação proletaria que ha de expurgar a humanidade do medo atavico, do respeito insensato á ordem burgueza, representada no Estado, com seu cortejo horrivel de instituições infamantes, parazitarias e nocivas — monopolios, privilejios, ladroajens e toda a sorte de injustiças sociaes.

Honesto na sua conduta não mystifica os trabalhadores. E ao chegar ao extremo das suas tendencias, con-

fessa, com franqueza, sem reбуço, o seu anarquismo integral, sem restrições, feito de rebeldias massimas e de destruição de velharias, iconoclasta sem sentimentalismos, vigoroso e cheio de audacia, mas audacia que atua, verdadeira, que prepara a tragedia sangrenta do ultimo choque e que dilata os pulmões dos revolucionarios em grandes haustos, na hora suprema da derrubada.

O anarquismo palavroso e declamatorio passa a não ezistir. Os teóricos suporíferos não terão mais razão de ser e o anarquismo, doutrina integra — sonoro poema de redenção — passará da faze da orijinalidade, com que se enfeitam muito dos seus aderentes, à faze pratica de ensinar, pelas iniciativas jenerozas, pela corajem indomavel que prolifera, a todos os trabalhadores que afirmem os seus direitos pela força, atacando os opressores, não cedenda o terreno conquistado, deante as primeiras escaramuças aos ultimos arremessos da batalha final.

O anarquismo, pregado tal qual deve ser, em sua essencia, dal-o bem, para que o possamos transmitir, na sua inteireza de doutrina, ainda que sucintamente, mas de maneira sentida, o advogado Vicente Morelló, sob o pseudonimo de «Rastiyne», num jornal conservador do Roma :

«Podemos dizer a nós mesmos toda a verdade? Se a podemos dizer, eu abalanço-me a afirmar que a unica forma heroica da ciencia e da vida moderna é o anarquismo.

Do anarquismo dirivam os livros mais orijinaes e os homens valorozos. No anarquismo está em jestação a «jente nova» denominadora da vida social... Este anarquismo tem os seus filozofos, os seus poetas, os seus jornalistas, os seus criticos e os seus herois. E' toda uma onda fresca e sonora de idéas e de fantazias. Na obra destes homens, que valem mais e muito mais do que os chinezes do socialismo e do que os bizanlinos do conservatorismo, em tudo que pensam e em tudo que escrevem, ha uma tão grande força socratica de raciocismo e uma orijinalidade de inspiração tão viva, que muitas vezes nos maravilha e mais vezes, ainda nos comove...

O anarquismo não é uma cauza; é uma consequencia. Não é uma propozição; é uma ilação. Não é a ezipresão de uma loucura politica; é uma afirmação de uma condição de couzas que está destinada a mudar. Dada uma sociedade como a nossa, isto é, uma sociedade coroada em todo o seu esqueleto, que em todos os seus humores está afetada de uma descrazia já invencivel—o anarquismo, ou antes «espírito que nega», é uma necessidade lojica e inevitavel. O anarquismo, atualmente, para a nossa sociedade, é o que foi a filozofia de Rousseau para a sociedade franceza do seculo passado. Naquele mundo fechado de privilegios, de preconceitos e de crueldades, Rousseau precipitou-se como um salvador se precipita a um compartimento fechado onde está prestes a asficsiar-se uma pessoa amada—abriu todas as janelas e mostrou que para além daquelas leis e daquelas regras de cõrte, que para além daquela medida de vaidade e de etiqueta, havia campos livres e céos infinitos, havia as glorias da vida universal e as esperanças do imortal porvir... O anarquismo contem: a afirmação da consciencia universal contra o vil predominio das maiorias eleitorais e parlamentares, a afirmação das vontades renovadoras, contra a inercia moral das classes conservadoras, a afirmação lojica do pensamento e da ação, contra a incoerencia de um e de outra...»

Tal é o anarquismo como o comprehendemos. Tal deve ser sua ação fecunda e creadora, propulsora de enerjias, renovadora dos seres e das couzas.

Assim, na ultima etapa da sociedade burgueza, no momento em que ela, ao sopro do vendavel revolucionario tem fatalmente de cair, nos ousamos afirmar e proclamar bem alto, em nome de um direito que não se discute, que a revolução social fará a sua obra em torno das massimas heroicas do comunismo libertario — «tudo é de todos» — a cada um segundo as suas necessidades — o direito ao bem-estar, o bem-estar para todos». É a sociedade liberta, emancipada, retomando, radeante e feliz, posse da herança, vilmente roubada, a procurar com o retorno ao comunismo evoluido das formas rudimentares da histo-

ria, num passado milenarmente morto, identificar-se com o grupo livre de produtores e na livre federação dos grupos a organização nova que convenha á nova fase da historia.

Kropotkine assim compreendeu o fenomeno da transição social, assim o compreendemos nós.

Em marcha para a revolução social servir-nos-emos, para a insurreição libertadora da arma deciziva — a grève geral expropriadora.



